



Fernando Assis Pacheco

MEMÓRIAS
DE UM CRAQUE

ASSÍRIO & ALVIM

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Fernando Assis Pacheco
Memórias de um craque

posfácio de
Manuel António Pina

ASSÍRIO & ALVIM

NOTA DO ORGANIZADOR

Sabe-se que o futebol teve lugar de relevo no trabalho de jornalista de Fernando Assis Pacheco: reportagens, comentários, colunas regulares, entrevistas... e estas *Memórias de Um Craque*, decerto o mais característico do largo conjunto. Na verdade, valerá menos como pequeno livro sobre futebol do que enquanto testemunho da importância do futebol na infância: fragmento de autobiografia cruzado com narrativa de episódios infanto-juvenis na Coimbra dos anos 40. Como testemunho autobiográfico, é precioso a vários títulos, e não será o menor deles aquele respeitante à própria constituição literária de Fernando Assis Pacheco, que em certos aspectos permaneceu fiel ao pequeno «craque, aqui retratado em clave auto-irónica.

A primeira, e até agora única, publicação das *Memórias de Um Craque* fez-se em folhetim no *Record*, aos sábados, trinta capítulos sem qualquer interrupção entre 22 de Abril e 25 de Novembro de 1972. É esse texto que aqui se reproduz, corrigindo gralhas e lapsos evidentes e actualizando a ortografia nos poucos casos requeridos; porém, não uniformizámos a grafia do vocabulário desportivo de origem inglesa, cuja oscilação nos pareceu idiossincrática ou, quando menos, expressiva.

Abel Barros Baptista

De como fiz a minha iniciação desportiva, hesitando entre a arte de guarda-redes e a de pedróbolo da quinta do Lopes

O Eusébio marca livres de trinta metros, o Artur Jorge chuta em moinho, o Dinis faz fintas à bandeirola de canto, MAS EU FUI o MAIOR CRAQUE DA RUA GUERRA JUNQUEIRO E ESTÁ PARA NASCER UM SUCESSOR DIGNO DESSE TÍTULO.

A Rua Guerra Junqueiro continua no mesmo sítio, isto é, em Coimbra, capital da Beira Litoral, e creio que já de nascença tinha o quintal do Luís Marques, 12x2,5m, com a parede do prédio à esquerda de quem desce as escadas e um muro infelizmente não muito alto à direita, que era por onde galgávamos para o quintal do Lopes à procura da chinha. Uma tarde, estava o craque nos cinco anos, ouviu-se a frase entre todas decisiva:

«E se o miúdo jogasse à baliza?»

Vi-me subitamente presenteado com um boné e dois lenços de assoar para as joelheiras. A maltózia era mais velha, nove, dez anos, e num relance percebi que o meu futuro desportivo, assaz brilhante nas épocas seguintes, poderia nem sequer começar. Ora como isto de futebolis mais vale um mergulho para o fotógrafo do que dois meses no banco dos suplentes, o craque enfiou o boné bem enfiado na tola, arreganhou o pior dos sorrisos (grr!) e dispôs-se a gravar o nome completo sobre o cimento do quintal. É claro que a minha equipa ganhou: nem seria nunca de outro modo, pois logo à primeira investida do Tó Mané Magalhães esfolo gatos mata cães fui-me a ele, encostei delicadamente a biqueira do sapato esquerdo ao tornozelo do artista, fiz força (uma força «do catarino», como então se dizia) e apliquei-lhe o acelerador com algumas ganas e sobeja intenção de brilhar. O Tó Mané desandou para as escadas agarrado ao tornozelo. Perguntaram-lhe se queria que trouxessem a bilha de água.

«Quero, pois», urrou. «Quero a bilha e quero um calhau pra partir os focinhos a esse gajo do cento e dezoito!»

Nessa tarde, afora o incidente relatado supra, correu tudo à medida dos meus mais veementes desejos: cinco defesas em reboleta, três por cima das sardinheiras, enfim um penáltie socado por cima do muro que ainda estou a ver o Luís Marques muito chagado explicando-me assim:

«Vais lá tu que é pr'aprenderes a não armar ao Barrigana, òviste?» Fui, sim senhor, e deliciado. Daí a pouco terminava o prélio: vitória dos Portas Pares, um convite *ad aeternum* para aparecer sempre que entendesse. Durante mais de sete anos não faltei ao compromisso.

Como depois da jogatana era preciso secar as camisas, Luís Marques e seus muchachos costumavam trespassar-se até ao quintal do Lopes e entreter os

derradeiros ócios antes da sopa da noite com um exercício de arremesso. Destarte me tornei o mais artilheiro dos pedróbolos da rua, com um saldo de catorze gatos só na semana de estreia. Quando ouço contar que o Zsivotzky lança o martelo a – setenta metros e tal, batendo com isso os máximos reconhecidos e a reconhecer, debruço-me na janela da Travessa do Patrocínio e, deitando a bia fora, ponho-me a pensar em quanto é cruel o mundo dos homens. Um recordista mundial que não dá nem uma calhoda num gato – então isto chama-se pontaria?

II

De como o Fausto que morava em frente perdeu por oito a três e não quis comer o pão com marmelada

O Fausto morava em frente, no cento e sete, e tinha uma tia de gengivas ao sol que lhe costurava umas brutas bolas igualzinhas ao que de melhor se via em domínios do Luís Marques, proprietário do quintal onde me iniciei para glória do desporto luso.

O Fausto era um chato, chatíssimo que se calhar não viria nunca no dicionário, mas a verdade diga-se desde já: bolas como as dele não as sacava eu em minha casa. Por isso, sport *oblige*, amiguei-me futebolisticamente com o vizinho e neste sistema a dois pude aperfeiçoar toda a gama riquíssima de defesas, palmadas, socos, saídas aos cruzamentos e estiradas a doer que seriam, por anos e anos crónica conimbricense, um caso muito sério. Aliás o Tó Mané Magalhães, cujo tornozelo deixei esfolado no capítulo precedente, regougaria mais tarde:

«Esse gajo treina dia sim dia não com o sonso do filho do merceeiro, assim não vale!»

Ó se valia, e resmas de excelentes meias grossas filaram estas mãos possantes nas tardes quentes e frias, tanto dava, da Rua Guerra Junqueiro em Coimbra cidade. O Fausto é que não percebia o porquê das consecutivas derrotas. Cinco a dois, quatro a um, três zero, três a dois...

«Ora, és mais alto do que eu», aporrinhou-me ele um dia.

«Ai sou?», respondi. «Então vem cá ao portão e a gente mede-se já».

Medíamos o mesmo.

«Tá bem», insistia o Fausto, «mas tu jogas fora do passeio e o que a gente combinou era jogarmos só no passeio e pronto.» Aquilo não se lhe tirava a sandice da cabeça, de modo que, afastadas as conveniências do estilo, propus um tira-teimas arbitrado pelo Marinho Sacadura.

«Se é o Marinho aceito», disse o meu adversário.

Convocou-se o sobredito, que estava a lanchar, e às cinco e um quarto demos início ao retumbante encontro Fausto-Assis, trinta boladas cada um só vale atirar do passeio. O Marinho sentou-se ao pé da garagem do sr. Tomé.

A princípio, e por nervoso apenas, falhei umas quantas boladas que o melhor era mudar de rua e ir à minha vida em Montarroio. Mas, se com o aquecimento veio o discernimento, com este aconteceu o inevitável: quinze boladas para cada lado, quatro a dois. Escuso de acrescentar que o Fausto marcou dois porque teve uma vaca das antigas.

Na segunda parte, já o Marinho se erguia na ponta dos chanatos para topar convenientemente tão irresistível demanda desportiva, fiz cinco a dois na calma, depois seis a dois, depois sete a dois – e o Fausto possesso de raiva, a tirar

macacos e a pespegá-los na porta, como se de últimas missivas se tratassem. Entretanto uma desatenção custar-me-ia o terceiro golo na minha baliza... Paciência. Rilhei os dentes, arqueei as pernas em ar de Barrigana contra a Académica, fitei o Fausto a direito nos olhos: vais mamar uma mesmo por cima da maçaneta da porta, meu troca-tintas! Ah, aquele oitavo e lindo golo, perfeitíssimo, puxado cá detrás dos fundos do peito...

«Foi golo?», perguntou o Fausto, que não acreditava. «Foi», fez o Marinho Sacadura. «Querias ópera?»

Cabeça baixa, beijos apertados para conter a parte menos nobre do vocabulário, o meu vizinho dirigiu-se ao cento e sete, tocou à campainha e pediu o lanche: era pão com marmelada. Lembro-me como se fosse hoje: de papo-seco na mão avançou para o quintal do Lopes e deitou tudo fora – lanche, raiva, ofensa.

À noite, quando entrei no meu quarto, peguei num caderninho de capa cinzenta que lá tinha, molhei o bico da caneta no tinteiro e escrevi: «Fausto, oito a três. Seis de Abril. Arbitrou o Marinho.»

III

De como fui metido num campeonato de botões e me sagrei campeão contra cinco, entre eles o campeão anterior

Sabendo que meu pai, aliás com inteira razão, suspirava por ver-me episodicamente alheado dos desportos de ar livre, acedi certo sábado ao amável convite de um amigo e escrevi no caderninho de capa cinzenta: «Sete de Maio, campeonato de botões em casa do Figueiredo.» O que eu não tinha era botões para o campeonato, de onde um irreprimível impulso de considerar minha propriedade alguns espécimes sitos à Rua Guerra Junqueiro, cento e dezoito, em esplêndida caixa de madeira. Solicitei assim cerca de trinta, entre os quais dois do casaco comprido de minha mãe que depois se fartou de condenar à revelia a costureira, mulher indecente, vir como vem a casa de gente séria, não se faz, e logo os melhores botões e se calhar fica a pensar que eu não dei por isso. Dava, claro, embora se equivocasse de quadrilha.

Ora bem, desses trinta botões, e conforme eu entretanto apurara por leitura das regras de tão salutar desporto, aproveitavam-se para aí só uns sete ou oito. É que os ditos tinham que ter determinados tamanhos: granjolas à baliza, assim-assim à defesa, dois pequeninhos na linha média (jogava-se quase em WM) e cinco ainda mais exíguos no ataque. Milimetragem rigorosa, que o Luís Marques decidia. Fui por consequência obrigado a comprar as cartas de desobriga de mais uns quantos notabilíssimos jogadores *made in* retrosaria e habilmente limados ao torno pelo dono da casa, o tal Figueiredo de sua graça.

«Vens ou não vens?», perguntaram-me os dignos adversários, cinco em numeração árabe.

O meu Atlético de Bilbao está pronto», retorqui sem mais delongas.

Terrível modalidade, o futebol de botões praticava-se num tampo de mesa assaz parecido (em dimensão forçosamente mini) com o campo de Santa Cruz. Onze botões de cada lado, mais um décimo segundo nas unhas do técnico-proprietário: era o «pica», assim cognominado pela função que desempenhava de picar a bola (não era bola, era mola: a metade mais gorda) entre jogador e jogador e, se possível, entre um avançado e a baliza, baliza essa talqualmente as verdadeiras, com rede, pauzinhos em cima e ao lado, um primor de miniatura. Repartição dos movimentos: jogo eu, jogas tu; uma vez no meio campo do inimigo podiam-se dar dois toques.

Claro que os dois toques, aproveitados com sagacidade, bastavam para vencer o campeonato se o candidato (eu) fosse olhinhos (e era). Ao começo ainda o Figueiredo e o Luís Marques e o Marinho Sacadura e os outros, desconsiderando o craque, fungavam seu alfinetante comentário – «que botões tão beras,,, «este não ganha nem ao cão», etc. Passou-lhes depressa. Daí a nada, trocando a mola do Gainza para o Zarra e deste para o Iriondo, fazia eu a entrada solene no círculo dos

eleitos, e posso acrescentar que foi de abada para cima. «Já acabaram?», quis às tantas saber a mãe do Figueiredo.

Aquelas cinco trombas não enganavam ninguém. A senhora viu a coisa mal parada e chamou tudo para o lanche, que somente eu comi com apetite, o apetite de quem, futuro concorrente olímpico, sorrisse gentilmente à ralé dos eliminados.

«Compro-te o Iriondo», propôs antes da despedida o Figueiredo. «Dou dez tostões.»

«Mas o Iriondo foste tu que mo vendeste!», admirou-se este vosso servidor.

O Figueiredo não se dava por achado:

«Puseste-lhe resina que eu sei. Tá bem dez tostões?,

Como tinha custado cinco, fechei o negócio ali mesmo. Com os dez tostões adquirei entrementes dois super-avançados do Marinho Sacadura, tirados do colete do pai dele, e já na mansão familiar dos avoengos meus desatei a dar-lhes resina, que era como dizia o Figueiredo. Enganava-se redondamente: em vez de resina o segredo consistia num treino aturado de pontaria às moscas, executável, já se vê, em qualquer corredor de tamanho médio. Os ex-Sacaduas, que designei por Iriondo II e Manolete (faltavam-me os nomes dos suplentes do Bilbao), transformar-se-iam em dois temíveis pontas de lança.

Moral da história: deixa as estrelas para os outros e arranja mas é juniores com boa pinta.

IV

De como a formação desportiva se aperfeiçoou sobre os carris dos eléctricos, entre a Avenida Sá da Bandeira e a casa do autor

Chegada a altura de ao meu real talento desportivo acrescentar várias luzes de escrita, aritmética pelos dedos e outras prendas intelectuais, pôs-me a paternidade num colégio de dois andares, que demorava então em arruamento nobre, a Avenida Sá da Bandeira, com eléctricos a passar de dez em dez minutos e a fazer dim-tlim para a malta se esgalgar à janela. Receio bem que me chamem vaidoso: logo, não verá o leitor aqui a mais mínima alusão a partes de precocidade ou qualidades afins. Até porque a formação do *sportsman*, tema deste folhetim, me não abandonaria ao longo de toda a instrução primária, como vou expor desde já.

Além dos recreios, infelizmente de curta duração e vigiados pela D. Rosária Bigodes, o colégio proporcionava ampla matéria de reflexão física, precisamente depois das quatro da tarde, quando deixava de ser colégio e vinha a plebe escada abaixo, gritando o júbilo de mais um dia acabado. A fossanguisse dos «velhos» fazia com que logo no patamar ensaiassem os seus golpes de catch ou de retropalmada sobre as pessoas infinitamente pequenas dos «novos», entre os quais me contava eu. Mas ao fim de uma semana, aprendida a fórmula, cavávamos à francesa e íamos ocupar o passeio, ponto de partida para a modalidade «guarda-chuva nos carris».

Aproveito para revelar aos meus queridos familiares que, de facto, não perdi (nem fui desapossado de) nenhuma umbela nestes anos de iniciação físico-mental, contra o que talvez pensassem: os objectos gastavam-se, essa é que era a verdade, partiam pelo cabo ou pela ponta, estilhaçavam-se ao sétimo ou ao oitavo hectómetro, às vezes antes, e tornava-se forçoso que os deitasse fora e aparecesse em casa com uma história tenebrosa, intitulada «sei lá onde é que ele está, se calhar roubaram-mo».

Regras, havia só uma: um concorrente no carril esquerdo, outro no direito, e toca por ali abaixo (depois por ali acima, que era a Rua Ocidental de Montarroio) até à meta combinada. O guarda-chuva não podia ser levantado do carril, sob pena de ter de se pagar um «jogador» (cromo de brinde dos reбуçados da «coleção,,, a \$10 cada). E pronto, creio que disse tudo. Ou talvez não: o Cabeça de Músculo tinha um truque infame, qual fosse o de correr com uma pata a dar a dar e dava-nos forte nos pés, motivo por que os menos avisados se espalhavam ao comprido antes de chegarem ao cinema Avenida. Agora sim, parece que está tudo dito.

Resta um episódio invulgar, necessariamente passado com o craque. Certa vez calhou-me defrontar o Pampilhosa, meu colega de classe, que ninguém sabia ao certo onde morava. Vamos, não vamos, «vamos até à minha casa», disse o Pampilhosa. Perfeito.

Às cinco e pico, porém, ultrapassada de há muito a curva da Conchada, virei-me para o adversário e perguntei-lhe:

«Onde é que moras, ó pá?»

«Moro nos Olivais», volveu-me tranquilamente.

Não era nada: eram para aí uns três quilómetros! E os carris direitinhos pela encosta fora, sem interrupção, como um tormento digno da mitologia grega... Queres arrear?», sugeriu o Pampilhosa.

Respondi-lhe seco:

«A tua tia!»

Uns sapateiro, um homem preso. Era já noite quando topámos a mercearia do Vítor Agostinho, -çtrei-lhe o meu infindo e_c

Era já noite quando topámos a mercearia do Vítor Agostinho, alvo da nossa peregrinação desportiva. O Pampilhosa, que estava capaz de cuspir a pulmoeira pelo canto da boca, olhava-me a ver se eu caía redondo ou se morria só no fim.

«É agora», pensei. Pé no acelerador, dando tudo o que a máquina ainda tinha, *sprintei* na subida e descolei irremediavelmente o miúdo dos Olivais.

Em casa, quando finalmente toquei à campainha, jantara-se em boa paz, mas esperava-me uma guerra das antigas. De onde vens, que vida é a tua, isto são horas, não sei para que se faz tanto sacrifício... Limitei-me a explicar:

«O Pampilhosa sentiu-se mal e fui levá-lo aos Olivais.»

Por acaso o Pampilhosa ficou dois dias sem pôr as bébias no colégio.

De como o Leandro tinha uma fisga e eu arranjei uma ainda melhor com materiais improvisados, originando reparos da vizinhança

Numa terça-feira de Carnaval, estava o craque a soletrar uma história moral do livro da primeira classe, ouviu-se dos lados da casa da lenha agressivo piar de ave, género pardal. Então, apenas por impulso experimental (que não deve nunca ser coarctado às crianças, atenção!), fui-me a uma pedra que costumava servir de autocarro nas brincadeiras domésticas e zás, pardal no chão a estrebuchar. Por acaso, como de passagem averigui, não era pardal nenhum mas simplesmente um canário fugido do andar de cima, de uns que a sra D. Mercedes do sr. capitão tinha em majestosa gaiola.

No resto das férias juntei, pedra a pedra e calhau a tijolo, para mais de vinte quilos de projecteis avulsos. Mas pardais, isto é, canários, deles nem o cheiro... Teriam comunicado de uns para os outros a notícia de que na Rua Guerra Junqueiro, imediações da oficina de calçado, havia um atirador de primeira classe? O mistério avolumou-se no meu espírito até à manhã em que, acaso ou resposta, um bando de pássaros aterrou no quintal à procura de minhocas. É agora! Muni-me dos competentes calhaus, camuflei-me por trás de um vaso dos grandes e zás e zás, fazendo previamente pontaria com o braço direito esticado e o olho esquerdo à Camões, alvejei um por um (ou todos à vez, não me recordo bem) os invasores alados. Em pura perda: no momento seguinte ei-los que retiravam em voo ascendente, velozes como raios.

O meu amigo Leandro ouviu-me contar a desdita e riu-se:

«Ora, não tens fisga».

É de acrescentar que a fisga dele era responsável pelo presumido funeral de trinta a quarenta pardais, fora um frango capão que se trespassara officiosamente de moléstia.

Nessa noite abri uma página nova no livro caderninho de capa cinzenta para escrever em cursivo comercial: «Fisga: arranjar. Urgente. Quaisquer materiais.»

Ainda desta feita iria ficar provada a minha aptidão para os desportos, não importa quais nem qual o seu grau de complexidade. Estudando pormenorizadamente o diagrama do objecto «fisga», concluí que precisava de uma forquilha, duas borrachas bastante elásticas e um rectângulo de cabedal chamado «cama» no português prático do Leandro. A «cama» foi o mais fácil: jazendo ao pé do piano um pouf marroquino, recortei da face inferior o pedaço requerido (4x2cms), que escondi na mesa-de-cabeceira. Sucedeu passados dias encontrar no Parque da Cidade, aonde fora ouvir a banda do Doze, um ramo de árvore exactamente indicado para dele se extrair a forquilha, com o que não hesitei em arrancá-lo embora meu pai argumentasse que onde é que já se viu levar ramos para casa. Agora as borrachas foi um castigo...

Matutei nisso um par de semanas. A borracha do esquentador? Pequena demais. Os suspensórios de meu pai? Impossível. Estava quase a desistir quando, de visita a um primo rico e microcéfalo, topei no quarto da costura umas borrachas notáveis assinadas por um tal Charles Atlas. Escuso de relatar que rapei a canivete duas medidas para a futura fisga (mais tarde neguei a pés juntos ter mexido nos esticadores do primo – «quero lá saber do Joãozinho nem da família dele»).

Aprontada a arma pelo sr. Carlos sapateiro, um homem prestável como poucos, chamei o Leandro e mostrei-lhe o meu infindo tesouro. Arregalou as olheiras até à risca do cabelo:

«Bestial!»

Feita a prova, e fisga por fisga, a do craque batia a do Leandro sem remissão. Foram dias de ternura desportiva, com este vosso servidor a apontar a tudo o que tivesse penas. Pardais, marcharam dois, e não dos presumidos. Creio também que acertei numa pomba. Quanto a criação nem se fala, desde aquela vez em que resolvi usar pedras pequenas para passarem por entre o arame das capoeiras. O Leandro, calado como guarda-nocturno, desistira de competir comigo.

Ainda estou, no entanto, para apurar se teria sido ele ou não o miserável denunciante da super-fisga, pois o certo é que muito antes da Páscoa meu pai, fingindo-se horrivelmente zangado, apreendeu a arma e explicou:

«Não quero ter inimigos na vizinhança.»

Parece que havia uns protestos, uns arrufos. Coisas de mão imprecisa: aponta-se ao pardal e sai a caminho um vaso de gerânios... Ou seria mesmo denúncia do atirador desclassificado? Despeito provinciano, como me inclino hoje a pensar?

A fisga, a super-fisga, essa, consumiu-se tristemente na braseira. Paz ao pouf, ao ramo do Parque, aos esticadores do Joãozinho... Em duas extensas páginas do caderninho, porém, vinguei-me exorcizando tudo o que ajoujava o meu espírito defraudado:

«Onze de Abril. Excelente na modalidade de tiro. Treinar para os Jogos Olímpicos.» Não é hábito dos craques fazerem estas coisas por menos!

VI

De como no campeonato dos manos Rochas exhibi pela primeira vez o meu chuto à Correia Dias, em homenagem ao avançado-centro do Porto

Corria doce a Primavera e mais uma vez ia disputar-se, num «ervado» entre oliveiras a poucos metros da Rua António José de Almeida, o insuperável campeonato de futebol promovido pelos manos Rochas. Não havia talvez honra maior para os craques infantis da cidade do que ser-se convidado a alinhar. Aquilo era assim: os Rochas tinham uma equipa, os primos dos Rochas outra, os Costa Grilo uma terceira, e a quarta, ah, a quarta compunha-se de sete craques filiados aqui e ali, sempre entre os melhores das redondezas, e vindos ao torneio por convite expresso da organização. Há que tempos que eu sonhava com isto...

Finalmente o Rocha mais novo, caloiro da Escola Brotero, apareceu no quintal onde este vosso servidor treinava uns chutos distraídos e disse-lhe assim:

«Parece que jogas umas coisas, ó pá. Mostra lá para eu ver.»

Folheei rapidamente o catálogo: toques no joelho, picanços a acertar neste ou naquele degrau das escadas, passes de calcanhar, bola travada, roda sobre o pé esquerdo, fintas aos vasos. O Rocha não perdeu tempo:

«Queremos-te no campeonato, òviste? Vais jogar com o Camané, o Alípio e uma rapaziada assim. O guarda-redes é giro, é o Violante.

É claro que a equipa dos «pára-quedaistas» nem tinha hipótese de combinar a mínima jogada antes de o torneio principiar. O que saísse, saía. Mas a esperança tarda em murchar nos peitos de oito anos e essa mesma tarde lavei muito bem lavadas as minhas sapatilhas, às quais juntei atacadores novos.

O campeonato ocupava um domingo inteiro: primeira jornada de manhã, segunda e terceira depois do almoço, com jogos de meia hora cada um. No desafio da manhã calhou-nos limpar o sebo da gola dos Costa Grilo, que eram dois e arregimentavam em amigos e vizinhos o que faltava para a equipa ficar completa. Os Costa Grilo jogavam de suéter, calções compridos e botas de basquetebol: uma elegância. Mamaram foi oito secos por causa das curvas. Entretanto os Rochas, favoritos, batiam os primos por três a um.

Logo a seguir ao almoço (que ninguém comeu, evidentemente), os Rochas despacharam os Costa Grilo por quatro a zero e os pára-quedaistas foram-se aos primos dos Rochas e fizeram o mesmo. Nesta altura já eu tinha marcado uns nove ou dez golos, incluindo um em que surgi de trás de uma oliveira e fiz «uh!» ao guarda-redes, este tropeçou, caiu de borco e eu passei com bola e tudo por cima dele, à Tarzan.

Lanchámos umas laranjas para matar a sede. Depois os primos dos Rochas ganharam aos Costa Grilo por um a zero, quase originando este facto a maior cena de batatada do futebol conimbricense, porque o marcador do tento o fez

descaradamente à mão (o árbitro negou-se a tomar conhecimento: era o Rocha mais velho). Chegara, enfim, o momento de mostrar aos *tutti quanti* que o craque não nascera para figuras tristes. Equipados os Rochas de camisas sortidas e os pára-quedistas com o peito à mostra, o Zé Costa Grilo agarrou no apito de madeira, rectificou a distância entre os postes (calhaus grossos) das balizas e deu início ao prélio. Durante toda a primeira parte estudámo-nos mutuamente, o Rocha mais velho a marcar-me o homem a homem, o mais novo bruto com o Camané, que o pisava a torto e a direito e nem pedia desculpa. Zero a zero ao intervalo. Foi, pois, na segunda parte que o craque exibiu à luz do sol a sua última habilidade: o chuto à Correia Dias, homenagem muito séria ao avançado-centro do Futebol Clube do Porto. O chuto à Correia Dias constituía apenas em caçar a bola de qualquer maneira e dar-lhe com toda a força, tipo coice (o Correia Dias que me desculpe). O um a zero consegui-o assim, deixando boquiabertos Rochas, Grilos, primos e penduras. Aos dez minutos papei o Rocha mais novo em corrida, finteí o mais velho por fora e bumba, coice para a baliza. Viria ainda o três a zero, já com os Rochas sem saber se eu era o miúdo da Rua Guerra Junqueiro, o jeitoso do quintal do Luís Marques, ou se por debaixo da minha pele se escondia um internacional inglês.

Meu pai viu-me aparecer em casa sobraçando o embrulho das sapatilhas.

«Mostra cá», disse ele.

Tinha cada uma a sua «boca» aberta à frente, sinal de grave contenda desportiva.

«Tão cedo não te compro outras», sentenciou. «O futebol quer-se com maneiras.»

Aqui para nós: ralei-me uma côdea, isso é que ralei!

VII

De como um tio me levou ao Académica-Benfica e eu bati palmas a um golo do Teixeira, sem saber que era gafe

Por muito futebol que já tivesse visto em tão tenra e desmaliciosa idade, o craque não fora nunca presenciar, gozar, inebriar-se com o petisco dos deuses na terceira cidade do País: um Académica-Benfica ou, em gíria de sábado, um «Benfiqueinha,,,. Naquele tempo, caídos quilos de poeira sobre a ENORME FAÇANHA da final da Taça de 39, o Benfica chegava a Coimbra e normalmente afinava alguns secos (posso estar a exagerar, mas nesse caso é culpa da memória) ao «onze» da casa. Mas nem por isso, ou talvez mesmo por isso, à espera da *revanche*, o campo de Santa Cruz deixava de encher até ao pescoço. Um «Benfiqueinha, era coisa para a gente ir cedo e levar farnel. A paternidade escusava-se a autorizar o craque. Que não, que aquilo metia garibaldinos a mais, chapéus-de-chuva no ar, apertões, dichotes, ofensas às gerações antepassadas.

«Bom, se um dos teus tios te quiser levar...» – e a hipótese ficou pairando persistentemente sobre o risco ao lado do autor. Ora, tios tinha eu mais que muitos: tratava-se de escolher. Escolhi, pois, o tio Artur, que morava a meia hora de Coimbra e era mui digno e veloz possuidor de um «V8» preto, a armar ao pleibói de província. Catrafilei-o em minha casa, fiz-lhe duas dúzias de rapapés e pronto – caiu como um tio!

«Domingo venho-te buscar às duas e um quarto», disse-me ele. «O jogo dá enchente com certeza.»

Evidentemente que deu, mas o tio Artur, indefectível futebolista de pestana, aviara-se com uma pacholíssima bancada central e não houve problemas: arranjei lugar ao pé, situação algo diferente de tudo que eu conhecia até aí, que era topar os joguinhos refastelado (ou amolgado) no colo de um adulto levemente mosca com a ideia de ver só metade do prélio por causa do miúdo aos saltos na frente. O tio Artur, alma boa como as almas boas, pagou-me inclusivamente uma laranjada. Ah, eu estava no nono céu!

Eis senão quando, Benficas a carregar sobre os Coimbrinhas, com apenas cinco minutos de relógio, já não sei quem (de encarnado) mete o pé, dribla um, dribla outro e, como berrava o Alfredo Quádrios Raposo, «é golo, senhores ouvintes, é Go00Lo do Benfica». Os de Santa Cruz fingiram que não tinha sido com eles. Mas daí a pedaço, outro pé metido, outro drible, e outro, e outro, e está-se mesmo a ver a encomenda: dois a zero. Percebi então que o Benfica fizera aqueles 220 kms para ganhar.

Da tristeza, porém, e ajudado pelo azougue de Teixeira, extremo-esquerdo visitante, mudei-me para a admiração, o pasmo, o júbilo, enfim, de ver mexer na redonda como só o craque sabia em tardes gloriosas do quintal do Luís Marques.

«Pulhostre!», gritava-se na bancada central sempre que o Teixeira papava mais

um, o que sucedia com desusada frequência. «Ah cães», murmurava eu em transe. «Ah cães, grande Teixeira!» Assim, o paradoxo instalava-se no meu espírito: Académica cem por cento (ou noventa e nove por cento era eu pensando no craque de mim próprio), rendia-me afinal ao Benfica, isto é, ao Teixeira-meio-Benfica; desejoso de aplaudir o colega de vermelho, via-me forçado a reter as mãos nos bolsos; pior um pouco, se a Académica descia ao ataque o tio Artur logo mirava o sobrinho, a ver se este prometia saudáveis propósitos para os anos vindouros palmeando como deve ser.

A jogadas tantas não pude mais, pus-me em pé, tapei os cantos da boca com as mãos em concha e vozeei possesso:

«Boa bola, Teixeira!»

Tinha sido golo, o quarto ou o quinto, e aquele desmando de linguagem estragou o ambiente da bancada central. Houve quem se voltasse para trás, quem ameaçasse o miúdo, quem refilasse alto e bom som:

«Ó senhor Mendes, parece impossível!»

O tio Artur, vexado, agarrou-me por um braço e deu a tarde desportiva por terminada. Mas tinha bom perder: quinze dias depois convidou-me outra vez para uma futebolada das antigas.

VIII

De como no Loreto o Peyroteo fez trinta por uma linha e o jogo acabou (pasmai, ó miúdos de hoje!) empatado cinco a cinco

O Peyroteo (os outros que me desculpem) era aquela máquina nos tempos em que o craque passeava a sua também mui excelente maneira de bola jogar pelos quintais conimbricenses, não todos, é claro, mas ainda assim os bastantes para que a memória se não haja apagado por inteiro. Evidentemente que um Peyroteo deixa sempre mais memória, por ter sido do Sporting e da selecção, e o craque apenas de Os Melhores da Rua Guerra Junqueiro e Arredores E.C., agremiação que da modéstia administrativa não chegou a passar (e promocional também: nunca se nos ofereceu nenhum construtor civil para presidente). Ora bem, fala-se, pois, de dois craques: o já conhecido do leitor e o talvez só recordado pelos leitores de 25 anos para cima, Peyroteo chamado. E diga-se desde já do Peyroteo que, capricho à parte, foi o maior, maiorzíssimo que o Eusébio, este aparecido providencialmente na era do marketing. Eis a comparação segue história.

A minha dessa altura amada idolatrada salvé Académica andava salvé erro ou omissão paralela bastante enrascada por causa de uns pontos que não vinham em domingos certos. Pois quem havia de calhar entrementes no campo do Loreto, propriedade do falecido Lusitânia? O Peyroteo. Idolatrada ia jogar ao Loreto pela simples razão de que se haviam registado uns azares que nem o demo explica (cf. jornais da época). E com isto o ansiado prélio (cf. cronistas desportivos de agora) realizava-se de manhã, e por sinal manhã de sol, com um ventinho leve a dar nas bandeirolas de canto. Apropinquei-me na bancada central, levado pelo já referido e infatigável e jamais igualado tio Artur: no bolso direito da camurcine um papo-seco barrado a gostosa manteiga.

«Ganhámos ó quê?», quis o craque saber. «Ó quê», regougou Artur, o Tio.

Pois toma, foi mesmo ó quê. A Académica a marcar golos, o Peyroteo a empatar de cada vez que o seu (de verde-escuro) guarda-meta Azevedo chupava mais um. Assim: avança a Académica, enleia o adverso, troca a chinha de um para outro jogador, aproxima-se da baliza, pode marcar, poode marcar maaarqué gooolo! E logo a seguir: avança o Peyroteo, faz uma finta, aplica uma gambeta, dribla um, dribla dois, volta atrás e dribla-os novamente, arranca, marca, não marca, ainda não marcou, agòraèqué agòraèqué ó minhamãe e bumba, foi. Ajudem-me quantos se lembram FORAM CINCO A CINCO, NÃO FORAM? Pasmai, ó miúdos de hoje, e repasmai, e contrapasmai se quiserdes, que aquilo parecia umasma de guarda a um galinheiro. Do lado de cá onze em preto viúvo, do lado de lá o Peyroteo e, a ajudar o Peyroteo, dez manos jeitosos mas nem por isso (os manos que me desculpem – isto na memória embrulha-se a cada passo e acontece sermos menos verdadeiros).

O tio Artur estava passo. Olhava-me, eu olhava-o, e agora era ainda o intervalo,

aí com alguns três a três.

«Deixam-no sozinho)), fez o tio.

«A mim», admirei-me. «Atão o meu pai só me deixa sair consigo!»

«Gaita», fez o tio diferentemente. «Não és tu, é o Peyroteo.»

São vidas, pensei.

Vidas de craque. Pois na segunda parte a máquina carburou ainda melhor, aplicou desconhecidas novas gambetas na malta, fingiu que corria, driblava, não driblava, e sempre bumba, bumba, bumba prà baliza da Académica, cujo n.º 1 (neste século recuado não havia números) se punha a rezar a um deus desconhecido, como o protagonista do John Steinbeck. Cinco a cinco! Há lá resultados destes no futebolinha coisa pouca de 1972?

Voltei para casa contente: contente por ter visto o Peyroteo, aquela super-máquina de jogar W bola. E triste: triste por chegar ao quintal do Luís Marques, agarrar na mini-borracha, ensaiar uma volta das dele (Peyroteo) e não ser capaz. Ombro aqui, joelho acolá. Sempre o malfadado do muro a barrar-me o treino... Ó miúdos, era só um. Era só um e chamava-se Peyroteo. Fernando. Ao menos isso: Fernando, como o craque.

De onde esta anotação no caderninho – «sensacionais, ele e eu». Já se mentia em 40 e tal.

IX

De como vi uns chapéus no ar e não era chuva, era mas é a Rua Lourenço de Almeida Azevedo no fim de um Académica-União

A Rua Lourenço de Almeida Azevedo não teria significado por aí além na memória deste craque reformado se se não desse a coincidência de ser por lá que se entra para o campo de Santa Cruz (também se entra, ou entrava, pela Sereia, vulgo Parque de Santa Cruz, o que já constitui outro ângulo da história). Ora o campo foi em tempos um lugar dilecto de aprazíveis reuniões futebolísticas inter-armas, sobretudo no que toca aos joguinhos Académica-União. Se há algum craque no Calhabé, fica desde agora intimado a relatar o que sucedia no campo da Arregaça por ocasião dos desafios de retorno.

Sabendo que essa coisa do Académica-União fazia mal ao peito, o pai do craque procurava repetidamente dissuadi-lo da triste (para ele) aventura que consistia em estragar um domingo com futeboladas daquelas – ou seja, futebol mais guarda-chuva mais olés e saída aos tércios e mercurocromo.

O craque é que não ia em tal ditadura. E, aos primeiros alvares do dito dia, ainda quentes os lençóis de cima e de baixo, ei-lo saltando em mortal duplo para o corredor, e daqui para a casa de banho, e desta para a cozinha a ver se já haveria pão fresco. Em sendo aí essas 8 da matina ninguém encontraria o craque na quente domesticidade, antes desalvora ele para a Rua Lourenço de Almeida Azevedo à de premonições. Sempre aparecia um jogador, sempre se via o roupeiro a tratar das véstias, sempre um velho adepto reunia em torno a si meia dúzia de ouvintes para mais um episódio do folhetim «No Meu Tempo É Que Era Bom E Agora Está Tudo Falsificado, Cheio De Traidores À Sacrossanta Académica Causa Que Até Já Não Vêm Aos Jogos».

Depois era o almoço, o almoço em pânico, e findo este era a escapadela de casa («Vou ali dar uma curva, é um instante!!!»), e raspa-te para Santa Cruz. Quase sempre havia uma alma caridosa que metia o craque na bancada dos sócios. Quer isto dizer que uma ou outra vez o craque ficava à porta da rua, remordendo as unhas e buscando entre o brouhaha de dentro uma indicação sobre a marcha do placar.

Foi de uma dessas raras vezes que o craque testemunhou o entremês «Chapéus-de-Chuva no An», de autor anónimo. Tinha acabado o jogo com o União em vencedor. Dos portões refluía uma impressionante e vociferante multidão. Eis senão quando, a um grito de «ai o malandro que me bateu», desatou tudo a pegar nos chapéus-de-chuva pelo cabo e era assim uma cena a correr, tipo Charlot no «Mudo», este que dá a chapeuzada naquele, aquele que retruca pronto e truca neste, e os cavalos a saltar e as meninas a aprender e o craque, muito enfiado, a coleccionar as duas pernas pela Rua Lourenço de Almeida Azevedo acima, direito à Quinta da Rainha, direito à Antero de Quental, onde então morava.

Qualquer semelhança entre o entremês e uma bela sessão de charutada à portuguesa era, creio hoje, pura coincidência. Aliás os tempos vão outros, vão tão outros que há dias, tropeçando na Ferreira Borges com o meu ex-figadal inimigo umonista Raimundo, nos convidámos mutuamente para uma cervejola.

«Ó Raimundo, aquilo é que era!»

«Pois era, pá», volveu-me. «Até te fui ao focinho e tudo., «E eu a ti, ora essa)), apressei-me a repontar. Pronto, pronto», lançou Raimundo em água fria. «Outra cervejola?»

O Raimundo tinha uma habilidade especial para passar rasteiras sem se dar por nada. Como eu não lhe ficava atrás, muito pelo contrário, domingo de Académica-União em que nos encontrássemos, ou segunda-feira o mais tardar, perseguíamo-nos desta forma insidiosa sempre com o nariz no ar, a fingir que éramos de alíneas diferentes.

Quis pagar a conta, mas o Raimundo não deixou: «Tás em Lisboa, pá, agora de Coimbra sou eu.»

E dizia-me isto com os beijos gargalhosos, mesmo à malandro, à Raimundo...

Ah, se o apanhava a jeito vinte anos atrás, que grande rasteira o craque não lhe pregava agora mesmo!

De como se constituiu uma selecção para jogar hóquei em patins e tive de alinhar à baliza porque o meu stick era uma trave deste tamanho

Desconfio que não terá havido épocas desportivas mais portuguesmente eloquentes do que aquelas primeiras do hóquei em patins com os irmãos Serpas e os primos Correias, quando uma vitória era pretexto para a lágrima conviver em multidão e uma derrota (mas havia lá derrotas nesse tempo? podiam Serpas e Correias fazer tal imunda e feia acção?) equivalia ao hara-kiri nacional. Assim os craques infantis da época sonhavam todos com patins e sticks, e nunca se esfolou tanta nádega sobre o cimento como então. Por mim, atleta polivalente (futebolinha, corrida de velocidade, corrida de fundo, guarda-chuva na calha, pedrada felina, etc., etc.), cedo me senti tentado pela arte de deslizar sobre rodas perseguindo de varapau na mão uma inquieta bola a caminho da minibaliza. Reunidas as condições primordiais para a prática da modalidade – patins de empréstimo e uma trave arrancada da capoeira -, procurei parceiros nas redondezas. Fui naturalmente encontrá-los em Santa Cruz, «capitaneados» por um tal Pires que detinha o invejável record de aguentar três minutos em cima dos aparelhos rolantes sem atingir o rinque com a zona glútea. O Pires a cair e a gente a abrir a boca:

«Não pode ser. O Pires! Estará doente?»

O Pires, reparo hoje, era como os mais e, se dava para cair, caía mesmo. Mas de facto tinha umas luzes de patinagem, o que não sucedia forçosamente à restante maltózia. (Onde paras, Pires? Escreve lá, pazinho!).

Fomos a treinos para ver o que aquilo podia ser. Pires e uns outros logo mostraram o à vontade bastante para jogarem pelo campo todo: eu também, mas o pior era o stick...

«Compras um a sério. Esse é criminoso.»

Realmente, o meu stick pesava bem uns sete ou oito quilos e ainda possuía dois pregos granjolas do tempo da capoeira. Além disso, o carpinteiro fabricara-o a direito, trave exacta e sem ambages, de onde a curvatura existir apenas em imaginação. Defendi-me:

«É pesado mas se eu não entrar à bruta que mal é que tem? E depois eu acerto à mesma na bola...

A maltózia votou contra: «Assis para a baliza». Lá fui.

O que é não se aproximavam muito. Mal eu via um avançado de outra cor patinando na minha direcção, saía a ele, fazia «uh!» e varapauzava-o como quem anda na azeitona. O avançado punha-se a guinchar e desaparecia até nova ocasião. Mais avançados, mais varapau neles. Assim ganhei este vigoroso prélio por cinco a zero (o Pires era meu, claro). E digo «ganhei» porque exactamente o

disse Pires, gabando a destreza com que eu cortava cerce todas as tentativas de ofensa estrangeira.

«Este gajo é uma maravilha à baliza», sentenciou o admirável Pires.

Acho que vinha gente de longe só para me ver. Ali estava o craque de cócoras, olho fixado no desenrolar da partida, brandindo o varapau mansamente. Avançado que surgisse era como já contei: fazia-lhe o azimute, gritava-lhe «uh!» e zás, varapauzada à direita e à esquerda até acertar (principalmente na bola, mas incidentalmente na canela).

De uma vez sonhei que era «internacional», emparelhado com o Jesus Correia a atirar sobre os espanhóis. Ele de stick novinho em folha, eu com o meu singular varapau, e ambos patinando, correndo, fintando, marcando golos, golos, golos. O Más chorava, o Trías arreganhava-se todo. Jesus Correia para mim:

Formidável, pá, não sabia que se jogava tão bem em Coimbra!» Acordei. O locutor (o Artur Agostinho?) berrava qualquer coisa como «senhores ouvintes somos de novo campeões do mundo e agora o público lança serpentinas para o ringue e não sei quê e palmas». Deitei uma olhadela para debaixo da cama: a trave no seu sítio, quietinha, descansando de quantas habilidades campeonara nessa tarde.

Não, não cheguei nunca a comprar o tal stick das regras. E a própria febre do hóquei baixou, desapareceu. Às tantas já nem o craque ouvia relatos «à Ia Agostinhô»...

Uma noite fui pôr a trave na capoeira. A criada espantou-se: « Ao tempo que eu ando à cata deste madeiro!»

Como acreditava em espíritos, ficou enfiada e deixou de passarinhar pelo quintal depois do jantar, dando-me assim a possibilidade de aperfeiçoar fora de horas a minha formação desportiva. Brevemente conto.

XI

De como eu punha um palito na campainha, a campainha tocava, as miúdas vinham e era um jogo sensacional no passeio da frente

Europeu precoce, o craque já há quase trinta anos estava muitíssimo interessado na promoção da mulher. Também no plano desportivo? Pois claro que também no plano desportivo!

É claro: como espectadora. Porque aquelas jogatanas no quintal do Luís Marques, por alegres que fossem, não dispunham de amável presença de umas tranças ou de um rabo-de-cavalo. Pelejava-se em macho apenas. Assim, repetidamente nos preocupávamos com a forma de atrair ao Estádio Cimento, sei lá, três ou quatro donzelas, talvez meia dúzia, que tantos eram os degraus de melhor visibilidade. Mas faltava-nos a lábria, e o campeonato ia correndo numa disfarçada, torpe melancolia...

O Pedro Mealha foi quem descobriu o Eureka de serviço: «E se fôssemos jogar para o passeio?»

Nunca tal nos ocorreu pelo alto da cabeça!

No sábado seguinte, pé à frente, pé atrás (por causa da Autoridade-Apanha-Bolas-E-Leva-A-Malta-Prà-Esquadra), instalámos quatro pedregulhos no passeio, em correctíssimos pares de dois, e demos início ao fundamental prélio. Esgaçámo-nos como condenados às galés, esfolámos alguns joelhos, voámos, mergulhámos, gritámos yahoo – mas de miúdas, nada. O mais completo e desgarrador silêncio.

«Tens cada ideia, ó Pedro», cuspiu o craque, raivoso.

«Ora», defendeu-se ele, «se calhar não estão em casa».

As donzelas eram três, irmãs entre si: a Chica, a Ana Paula e a Margarida, «Greta Garbo» para a rapaziada em virtude dos seus ares «blasés» e distantes. Eis quem não viera nem dar uma espreitadela das pequenas por sobre o match de esfola-canelas-e-troca-o-passo-futebol-clube, dito «o ganda jogo da Guerra Junqueiro» .

O pior foi no domingo. Ia a Chica, a mais velha e a única que falava, a caminho da missa de Celas, interpelou-a o nosso comum conhecido Mealha com estes dizeres:

«Ontem estivemos a jogar uma bruta futebolada ao pé de vossa casa, sabias?»

«Sabia, pois», disse a Chica. «Eu vi do meu quarto.»

Ah, então a Chica era isso! Por trás das cortinas, como quem não quer a coisa, e nós que nos esgaçássemos à vontade de Deus Padre... Espera que já te tramo.

Posto o assunto à votação, o Marinho Sacadura afirmou redondamente:

«Tou-me nas tintas pás miúdas. As miúdas que se encham de moscas.»

O Luís Marques, que tinha aquele fraco pela «Greta Garbo» mas não podia dar o braço a torcer diante do clã, engendrou uma solução conciliatória:

«Experimenta-se só mais uma vez. Se elas não aparecerem à janela, voltamos para o meu quintal e acabou-se a frescata.»

Ganhou o Luís Marques, evidentemente: sete votos contra três e uma abstenção (abstenção forçada: Dominginhos, quatro anos e meio e a mãe pior que uma fera, não estava autorizado a prejudicar as botas com o futebol). Confirmada a aritmética do escrutínio, entrei eu e disse:

«Então é já amanhã.»

Foi mesmo amanhã. Nessa tarde pisguei-me do colégio dez minutos antes da hora, pretextando uma vacina para as bexigas doidas, e vim a mata-cavalos por Montarroio acima, bufando como o comboio da Lousã. Todos estes cuidados fizeram com que me apresentasse no passeio às quatro e meia. Um quarto de hora depois chegava o Marinho Sacadura, muito enxofrado porque o pai, topando finalmente o estado angustioso dos calcantes quotidianos, decidira dar-lhes baixa para o sapateiro e comprar ao Marinho umas taras duns sapatos à lorde que porém só deixavam o subcraque jogar à baliza.

«Pareces um doutor», disparei eu em direcção ao Marinho. (Inibo-me de registar aqui a resposta do visado, mas sempre esclareço que nem o Dicionário do Morais tem nas suas páginas um terço do vocabulário sacaduriano utilizado nesse amargo quão delicado momento.)

Às cinco e coiso, reunido finalmente o grosso do pelotão, íamos para dar o pontapé de saída quando o craque se lembrou da seguinte facécia: meter um palito na campainha da porta das miúdas, carregar no botão e partir entretanto o palito, com que a campainha ficou retinindo até à eleição do papa seguinte. Alvorçou-se a casa das musas, veio criada, mãe, madrinha, costureira, homem da mercearia (atraído pelo charivari), e finalmente o único que faltava e era, está-se mesmo a ver, o electricista. Apenas este, e com um trabalhão dos antigos, conseguiu desempalitar o aparelho sonante. Ora bem, palito e bronca foram bastantes (e era essa a jogada esconsa do craaque!) para as miúdas se pendurarem da janela, todas à uma ou cada uma na sua.

Pois já que tinham vindo, deixaram-se estar (e o craque confessa ter previsto também tal hipótese). Estando como estavam, observaram o joguinho da malta. Observando, não é assim, estimulavam-nos para a prática do melhor associação jamais visto em passeios de Coimbra. Tudo correcto, tudo engendrado por esta cabeça de craque que vale para aí o seu milhão bem aviado de dólares, fora os descontos.

Talvez se acrescente, mas se calhar talvez nem valha a pena, que a garbosa «Garbo» e suas donzelas irmãs viram muito outro futebol do nosso mediante o truque do palito. Por fim, ensinadinhas, apareciam mesmo sem o madeiramento bucal. Aqui o renome do craque subiu a impressionantes alturas, e mais subiria

se a Autoridade-Apanha-Bolas não houvesse uma tarde apanhado exactamente a bola no passeio da história. A bola e Marinho Sacadura, que é o herói quase exclusivo do episódio seguinte.

XII

De como o Marinho Sacadura foi parar à esquadra, negou ser futebolista e explicou ter estado no passeio casualmente (por causa dum atacante desapertado)

Ia eu a contar que um dia a Autoridade-Apanha-Bolas-E-Leva-A-Malta-Prà-Esquadra filou o Marinho Sacadura por um braço e arrancou com ambos (Marinho e membro superior) a caminho do subchefe, não sem prévia e ordeiramente nos haver confidenciado a seguinte opinião:

«Este hoje dorme com a gente...»

Como se depreende, volvemo-nos puras estátuas do pasmo nacional. Assim estivemos uns bons cinco minutos, dize tu, proponho eu, até que o Luís Marques corrigiu o raciocínio de todos:

«Atão a gente deixa o rapaz entregue às feras? A gente não deixa!», Jogámos rapidamente um montinho para apurar quem iria socorrer Sacadura em seu transe policial. Crespo dos antigos: calhou ao craque tal veemência. Eis-me, portanto, sprintando devagarinho por aquelas ruas, por aqueles passeios, debaixo daquelas árvores, cheio de um grande e alto pensamento que era «safo o Marinho ou não sou homem nem sou nada».

Já na esquadra, e inquirindo um cívico pelos costumes, disse-lhes nada, como é da praxe, e avancei. O Marinho estava sentado num banco de pau, muito aporrinhado com a perspectiva de alguém emparedar ali mesmo para exemplo dos craques e candidatos a craques de Coimbra-cidade. Vou eu e argumento-lhe:

«Ó pá, não parece teu: praí de monco no chão cumós perus, pá!» Marinho Sacadura queria lá saber. Que eu o largasse da mão, que eu o largasse já e pronto. Entregava-se ao destino, o patife! O patife indigno, o submental sem direito a reforma, o protozoário infecto-contagioso! Por um pouco não lhe zurzia a moleirinha e ele que se fosse depois queixar a todos os chefes, contra-chefes e amanuenses a óleos pesados do País...

Lá de dentro chamaram-no: «Tá aí o miúdo?»

Marinho pela porta dentro, eu de orelha espetada numa frincha. Que sucederia?

O mandador da esquadra em pessoa foi quem quis aviar o caso. Começou com uma lenga-lenga de quatro metros e oitenta, o menino coiso, o seu paizinho que dirá a isto, ah esta rapaziada de agora, sem respeito nem... nem respeito, e coiso.

Sacadura, moita: esperava.

Insiste o mandador: que estas coisas da bola na rua, no passeio, vem um velhinho coitadinho, uma velhinha, uma criança de tenra idade, e tropeçam, podem inclusive (ele pronunciava «inclusivé»), partir uma asa, tudo culpa dos Marinheiros, dos craques, claro. E então – ena ganda Marinho duma cana! – ouviu-se através

da frincha a formidável peça oratória que não resisto a copiar para estas memórias:

«O só chefe desculpe mas deve haver engano. (Pausa.) Deve haver engano, eu não tava a jogar nada a bola, tava a apertar um atacador do sapato direito. (Pausa.) Eu nem conheço aquele grupo, sou da Avenida Dias da Silva (ganda mentira, Marinho, ganda mentira, mas deixa arder que o teu pai é bombeiro!) e na Avenida Dias da Silva não jogamos a bola no passeio, o homem do café não deixa. (Pausa dupla: chorariam já?) O só chefe tá a ver (afinal não choravam), ele enganou-se, o só guarda enganou-se e trouxe-me a mim quando devia era trazer um dos de lá do sítio! (Com um finale allegro esplendidíssimo:) Eu até ia a passar casualmente...»

Creio que foi o «casualmente» que o salvou. Daí a nada soltavam Marinho, soltavam Sacadura, confraternizávamos diante de dois pirolitos de berlinde.

«Boa piada essa de passares casualmente, ó pá» elogiou o craque.

«Ora, deixa andar», fez o brilhante Sacadura, «a gente desculpa-se como pode... Eu até tava para dizer que sou coxinho, mas assim também serviu.»

A maltózia reuniu-se na mesma noite por trás do famoso muro do quintal do Lopes, comentando os perigos que correra o herói. Ficou estabelecido que só voltaríamos a utilizar o passeio das miúdas em situação de absoluta emergência. O Marinho agradeceu comovidamente:

«Vocês são do caneco, ó pás!»

Mas não éramos. E por isso pusemos o Marinho durante um mês à baliza, para castigo.

«Sim», resumiu o Luís Marques, «quem não cava à polícia não dá respa a avançado!»

Toma para aprenderes, Sacadura.

XIII

De como o futebol também pode ser jogado num bilhar (de matraquilhos) com moedas do D. Carlos dos Bigodes a fazer de dez tostões

No dia 9 de Fevereiro de 1940 e carqueja, estando o craque a imaginar a melhor forma de dizer em casa que as biqueiras dos calcantes tinham aberto aquelas horrendas bocas sem se saber como, sozinhas e tudo, vem o Nuno «Macaca» anunciar a nova mais nova de quantas podiam ser novidade no ano:

«Há matraquilhos no café!»

Matraquilhos conhecia-os a gente de outiva apenas, por indiscrição de um moicante que os havia experimentado em local inacessível a menores de dez primaveras (deve ter entrado com cunha ou então não lhe ligaram peva). Agora no café, à mão de semear, a dois passos, quem susteria o fervor de vê-los e tocar-lhes nem que fosse só durante dez tostões? Vamos a isto!

Subitamente fomos: uns nove ou dez, todos de cambulhada, ofegantes.

Ó só Matias, é um instantinho», propus à porta. «A gente não joga. Queremos é topar.»

Alvará de Matias deferidíssimo, e nós pela escada de caracol abaixo. Por sorte um dos dois bilhares estava às moscas.

«Dez tostões?», perguntei.

Ninguém tinha. Ou melhor: o miúdo, o Dominginhos, tinha uma chapa do D. Carlos substraída à colecção do irmão mais velho.

«Dá cá o bigodes», intimei.

O Dominginhos vasculhou nos bolsos e lá filou a chapa. Meti-a sem perder um segundo na ranhura competente: servia! Doze bolas novinhas, muito branquinhas, muito redondinhas aquietaram-se na «janela». Escolhemos equipas – Primeiras A, Primeiras B, Reservas e Júniores – e aí estava quem era bom, quem ia matraquilhar febrilmente até vir o só Matias. (Se acaso viesse – e acaso não veio...)

A minha equipa, formada pelo craque e pelo inseparável Luís Marques, ganhou aquilo em prise: oito a quatro, nove a três, dez a dois, duas vezes doze a zero. O Luís Marques cedo demonstrou a sua relativa maestria na arte de espadeirar à defesa. Bola que ele apanhasse das jeitosas com o avançado contrário distraído era limpinho; pelo meu lado, e depois de alguns falhanços que me apressei a explicar ao neófito Dominginhos («é das bolas, têm a madeira nova de mais»), engatei cada jogada que os outros se mordiam de labial inveja.

Deve relatar-se entre parêntesis o seguinte: como só tínhamos uma chapa do D. Carlos, e como ela só entrava uma vez para o estômago insaciável do bilhar, colocámos lenços de assoar nas balizas e era aí que as bolas se aninhavam sem

vontade nenhuma de fugir. Por isso o último jogo, em que dávamos a desforra ao Marinho Sacadura e ao Nuno «Macaca», prolongou-se até aos vinte-dezanove, e mais duraria se eu, vendo o Luís Marques finalmente com as manápuas cansadas, a abrir a buraca que era um disparate, não ordenasse o termo da partida para o golo n.º 20. Que o próprio craque marcou precedido de estonteante finta com os cinco do meio!

É claro que o só Matias, comerciante dos comerciantes, não se deixaria comover com a nossa pequena infância. No dia seguinte, estava o Luís Marques a espreitar da porta e lança-lhe o proprietário da locanda:

«Com que então moedas antigas, hein? Voltem cá, voltem, que eu arranjo-lhes uma estrangeirinha!»

Para voltarmos foi preciso coleccionar nas respectivas mansões paternas meia dúzia de dez tostões legítimos. De outro modo o sô Matias correr-nos-ia rua fora aos gritos, especialidade em que não era, por sinal, nada peco.

Ah, aqueles dias de Fevereiro, aqueles dias de Março e Abril e Maio e Junho e Julho, com os calos afeitos ao jogo, o cérebro a funcionar na perfeição, tipo computador americano! Certa quarta-feira desavim-me com o Luís Marques e contratei para as minhas cores o Nuno «Macaca», que era um refinado batoteiro mas ninguém dava fé e além disso nunca pedia para jogar «uma bolita ao ataque» – se o fizesse, ora essa, casqueirava-o logo.

O sô Matias é que desconfiou, mesmo assim, de qualquer anomalia nos seus matraquilhos. Leio no caderno de capa cinzenta esta anotação da época: «O Matias tira-nos os lenços quando entramos no café. Da próxima vez levar boina.»

De como fomos desafiados pelos Cinco Unidos de Montarroio e aceitámos jogar à noite por causa do nosso bom nome, ganhando à tangente mas deixando várias assinaturas nas canelas alheias

Um dia em que eu estava a transaccionar berlindes com alguns conhecidos do bairro da Conchada veio um discreto emissário de potência soleníssima chamar-me à parte e avisar do seguinte: «Queremos jogar contra vocês.» Ao berlinde?»

O emissário fez olhos de frango e indignou-se: «À bola, ora essa!»

«E quem são vocês?», perguntei. «São daqui da Conchada?»

«Somos os Cinco Unidos de Montarroio», precisou o emissário. Explicou também que o jogo, se jogo houvesse, disputar-se-ia na noite de sábado, em Montarroio, está bem de ver, e com árbitro neutro que era um de Montarroio que por sinal mudara de rua há pouco tempo.

«Só isso?», admirei-me.

O emissário não percebeu. «Só», disse ele.

«E se não quisermos ir jogar contra vocês?», alvitrei para caçar a reacção do bicho.

«Nesse caso», emissariou-se o de Montarroio, «ganhamos por falta de comparência e os da Guerra Junqueiro são uns covardes.»

Parecia uma fita do Oeste. Mas o certo é que na noite de sábado, polidas a cuspo as chancas futeboleiras de borracha e pano, Guerra Junqueiro desceu atleticamente até ao bairro dos proponentes rivais, cumprimentou a assistência e dispôs-se a levar aquilo a zero cá por causa de umas coisas. O que afinal não pôde acontecer pois os tipos, afeitos à iluminação artificial, marcaram logo um.

Passava aí meio minuto do início do prélio: 1-0 era demasiado! Por conseguinte invectivei o nosso guarda-redes Papuça e fiz-lhe ver que, se deixava entrar outro, equivaleria isso à mais humilhante antifaçanha da Guerra Junqueiro em terras da estranha, acrescido do facto de que o dito (aliás ouvido: quem dizia era eu) Papuça não se livraria de um par de solhas no focinho.

«Meia dúzia», ameaçou em nota de fundo de página o Luís Marques.

«E eu», gaguejou o Marinho Sacadura, «eu ma-ma-mato-te, ó-ó-ó-viste?» (O Marinho tinha um nervoso terrível nestas ocasiões.) Tanto bastou para o Papuça amigo desatar a zancadilhar os avançados contrários, sobre os quais voava de pé em riste e dedos espetados a ver se agarrava algum olho desprevenido.

«Esse guarda-redes é maluco», bramavam os de Montarroio. «Ó sôr árbitro, o gajo tá-nos a alinhar!»

Queria o Papuça saber lá disso, nem da cotação da libra o que ele sabia era que a equipa não faltava às promessas... E ao intervalo, marcadas três

ameixas da nossa banda, tínhamos enfim duas de vantagem.

Aqui chegados, convém recordar que o campo era no passeio e o passeio era empinado. Na primeira parte jogámos a subir, de onde muito maior mérito no resultado de 3-1. Tudo se apresentava cor-de-rosa para a segunda metade. E foi: foi uma banhada de quinze ou dezasseis (perdi a conta, o caderninho de capa cinzenta não regista), com os de Montarroio, danados, espumejantes, possessos de raiva seca, tão possessos que de uma feita o pretensamente temível Quilhau, afinal a pêra-doce que eu já esperava, quis pregar-me uma rasteira e deu com a pata no meio de dois companheiros, forçando-os a ganhar durante uns bons cinco minutos.

O árbitro, a princípio bastante caseiro, cedo se rendeu à evidência, mas de tanso que era não fugia a tempo e lá tínhamos nós que driblá-lo também e empurrá-lo para fora do passeio. Às tantas, perdida toda a vergonha, houve um friquique apontado pelo craque a castigar adversa mão, e quem vejo eu na barreira? O árbitro! Fiz que não era nada comigo e acertei-lhe impiedosamente uma bolada no folhelho das tripas.

É claro, os de Montarroio entenderam que, decidido o resultado, não estava apurado o campeão da canelada, e vá de nos tentarem ferrar umas nódoas negras, ressabiados talvez com a actuação kamikaze do Papuça. Ai ele é isso? E respondemos à letra: a pranchada ferveu, levando nós todos os louros possíveis nesta amável variante.

«Os Montarroios», gabou-se depois o Fausto, que entrara a suplente na segunda parte, «ficaram com as pernas cheias de autógrafos meus!»

Exagerava – creio que são assim todos os reservas.

À minha conta deve ter sido um milhar de assinaturas naquelas canelas vaidosas. Também, puseram-me uma alcunha lá por Montarroio e anos depois era por ela que me conheciam – o Jói Luís, do nome do negro americano que mais bateu nos ringues da época e subúrbios visíveis.

De como para desentorpecer as pernas fomos todos ao Choupal caçar rãs e as largámos à entrada do talho do senhor Bernardino, um que não gostava de futebol

O senhor Bernardino era um que não gostava de futebol. Não gostava mesmo nada e quando a chinha, por inépcia nossa, penetrava nos seus domínios do borrego pendurado, ele agarrava-a, escondia-a atrás da balança e pronto, nem que nós fôssemos licenciados a pedir bolsas à Fundação Kian – negativa completa. Abarbatou-nos assim meia dúzia num ano.

Uma sexta-feira em que era feriado e o esférico teimou mais uma vez naquela mania de violar o espaço talhante do senhor Bernardino, veio este à porta esfregar as mãos, muito contente, e alvitrar-nos ao melhor estilo da Antologia do Humor Negro:

«Olhem, experimentem apanhar rãs no Choupal». Mal sabia o senhor Bernardino que nos entusiasmou!

Raiado o sol de sábado, a competente proposta do Nuno «Macaca» («todos ao Choupal com um saco») mereceu plena aprovação da corte futebolística, bastante precisada de desentorpecer as pernas por causa da forçada ausência de bola. O saco quem o trouxe foi o Fausto: era de cebolas e ainda tinha umas quantas lá dentro, que cortámos às fatias com a navalha do dito ofertante. Isto das fatias exige explicação – estando nós todos algum tanto fartos da prosápia das manas da campanha, tratava-se de deixar qualquer presente (cebolas, porque não?) na caixa do Correio.

Finda a manobra de diversão, largámo-nos à pata para o ridente Choupal, sítio de choupos, de onde o nome, e igualmente de lavadeiras, namoradas e animais silvestres. O Choupal, realmente um edénico recanto se não fossem as marcas diferentes que abundantemente o povoam, é quase tão fora de Coimbra que nem Coimbra parece: pelo menos tal nos pareceu, de esfalfados que atingimos a fronteira da mata.

«Hum», interjeccionou o Marinho Sacadura, «uma ova é que aqui há rãs».

Pois sim, havia centos delas. Verdes, castanhas, escuras a fugir para o preto; grandes, pequenas, assim assim; espertas, lorpas, distraídas, impossíveis de agarrar, curiosas sobre o saco e metendo-se (meteu-se uma!) lá para dentro. Numa palavra, rãs à balda. E nós atrás delas, imitando os mais suaves gritos do Tarzan.

Estreou-se o Luís Marques com um bicho maior que um touro. «Então?», orgulhou-se o caçador. «Eu não dizia, hein, eu não dizia? Sou o campeão!»

Estraguei-lhe rapidamente os planos de vitória. Com sete que apanhei, mais as quatro do puto Dominginhos passadas aos direitos, totalizei onze e em segundo é que ficou o Luís Marques com oito. (Aqui entre amigos – a proeza custou cinco

tostões em metal sonante que tive de esportular na segunda-feira, não se lembrasse o Dominginhos, amável quão pequena criatura, de bater com a língua nos incisivos.)

Somado tudo, o Guerra Junqueiro Futebol Clube dispunha de vinte e seis anfíbios prontos a qualquer coisa em que a direcção pensasse. Deitar os bichos outra vez para a água? Inglório seria. Tirar-lhes as coxas e cozinhá-las? Ninguém acusava esse talento. De

modo que a lembrança do senhor Bernardino, involuntário causador da nossa expedição, veio a tribunal, precisou-se nas mentes judicantes dos oito amigos, ganhou cambiantes novos. O senhor Bernardino não grama as futeboladas mas talvez não desgoste...

«Se vocês não estão para isso», ofereceu-se o Fausto, realmente um pária em certas actividades junqueirianas, «vou eu pô-las à porta do gajo.»

Havendo um suicida, nem chegámos a jogar essa honra às moedas ou ao montinho. É o Fausto e não se discute. O Fausto suspirou fundo amarelo como um limão.

Mas a hora do sacrifício chegou e foi com mão certa que as rãs se viram arremassadas do precário aconchego do saco para a entrada do talho do senhor Bernardino, onde uma freguesa começou aos pulinhos e a berrar:

«Sôr Bernardino, sôr Bernardino, olhe ratos!»

O abusivo proprietário das nossas chinchas estava a cortar um bife do acém.

«Ratos?», fez ele, escancarando a boca ao modo das reses porcinas. «Ratos no meu talho???!!!»

Eram rãs apenas. Vinte e seis, para recordar se acaso algum leitor se perdeu no cômputo. Rãs que dispararam em todas as direcções, triplo-saltadoras como nunca por nunca ser admirara um talhante da Lusa-Atenas.

O senhor Bernardino daí a pouco fechava o quiosque e ia-se à vida dele vestido com o casaco às avessas, forro para fora, suponho que não muito agradado pelo que lhe acontecera. Dias depois o ajudante chamou-me e devolveu, uma a uma até perfazer quatro, exactamente quatro bolas de borracha em estado recomendável. «O patrão diz que da próxima telefona para a polícia», rosou o fâmulos.

«Quero cá sabe», refilei eu, inchando o peito. «Avisar mas é o senhor quem entender: as bolas não eram quatro, eram mais.»

Ah, se o meu interlocutor não fosse aquela parva, mesmo uma grande parva, tinha-me esfregado as mãos nas ventas, pois não lhe faltava idade nem tamanho... Creio que se esqueceu.

De como a Europa não é só Coimbra e o craque visitava amiúde a malta fixe de Ílhavo, vila do seu conhecimento onde praticou o «bacalhau-sardinha» por não haver chinha de confiança

Amigos de fora-parte insistiam há um ror de tempo com o craque: que fosse até Ílhavo, doce vila plantada a orilhas da ria de Aveiro (ou ria de Ílhavo, como também já lhe ouvi chamar), e ali passasse um dia bem passado, entregue aos sports. Prometiam chinha, refeição lauta, soberbas leituras do *Timtim* e outros heróis nunca existidos. O craque ansiava por!

Quem tal sugeria, chamava-se então e continua naturalmente a chamar-se Vítor, o Gomes de apelido e Lâmpada de alcunha, que tinha uma inolvidável colecção de *dinky-toys* com todos os modelos descapotáveis ou não desde o tempo da outra senhora. Acresce que era também craque, embora só do pé direito, mas fazendo não obstante umas flores do lado sinistro, aí quatro ou cinco por jogo – convém não exagerar estas pescas na ria da memória...

E então de uma vez o pai do craque próprio avisou em casa «no domingo estamos convidados para ir a Ílhavo» e foi um longo, monstruoso suspiro de lusa e desportiva satisfação.

«Levo as botas de carneira», decidi.

«Levas os sapatos», decidiu o pai do craque. «Aquilo não é um campeonato, é um almoço!»

Defraudado, fui todo o caminho a secar raivosas lágrimas interiores. Finalmente, em Ílhavo, terra do meu amigo e rival Vítor Lâmpada, e não poder derimir à chinha aquela pendência... Sim, porque o pai do craque gostava pouco de ver biqueiras carecas: era até do que gostava menos, dada a implicação económica desse facto. Bom, nisto chegámos e a crónica regista imediatamente que

– o pai do Vítor Lâmpada falou dum bacalhau com todos que estaria «de morte»;

– o Lâmpada desfez-se em desculpas, por não ter afinal chinha a jeito (estoirara a última com uma biqueirada à Peyroteo, como se esperava de um indefectível sportinguista);

– um amigo do Lâmpada, Zé Paulo de seu nome, convidava-nos para jogar qualquer jogo não chutado, contanto que o incluíssemos nos seleccionáveis;

– a irmã do Lâmpada não queria saber de nada e continuou a praticar a saudável modalidade do «bacalhau-sardinha», que noutros pontos não ilhavenses do País se designa por «macaca» e exige apenas um chão de cimento, um pau de giz e um calhau dos chatos.

Ganhou a donzela. Quando nos fartámos de *dinky-toys*, *Timtins*, *Cavaleiros Andantes* (eu detestava este heróico nacional-desenhismo, mas enfim), quando

contemplávamos tristemente os despojos da falecida chinha e já não sabíamos que mais fazer para ocuparmos o resto da tarde a não fazer nada, *mademoiselle* Gomes e a irmã do craque convidado vieram propor-nos aos três um «bacalhau-sardinha» dos tesos.

O bacalhau não era o do almoço, claro, e nem bacalhau era, mas antes um misto de pontaria à mão e voltinhas de rã. Resultado: por mais que tentasse não acertei com o maldito calhau no primeiro quadrado, calhando-me um modesto quinto lugar e alguns chufas de *mademoiselle* Gomes, que, do alto dos seus seis anos, se deve ter farto de gozar (e não era para menos).

Já na Rua Guerra Junqueiro tratei de fazer à pandilha uma demonstração do tal jogo ilhavense.

«Mas tu julgas que somos gafanhotos ou quê?», enfureceu-se o Marinho Sacadura. «Tu ainda usas fraldas ou quê?»

Estive vai não vai para lhe pregar uma laustíbia, contendo-me a tempo. A sacaduriana personagem toda se inchou – parecia um garnizé, daqueles pitorros que costumam ficar debaixo da carroça do pitrolino. (Isto é, costumavam: por onde andarão os pitrolinos da minha infância, que os não vejo na capital do Império?)

Ah, vinguei-me. Vinguei-me, sim senhor, e não foi pequena acção. Nessa tarde, eu a avançado-centro e o Marinho Sacadura a defesa-central, fiz-lhe cada gambeta que passou dois dias a rodar como os piões.

«Não foi golo», berrava ele, já muito enxofrado.

«Claro que foi», contrapunha o meu mais digno adversário Luís Marques.

«Tu é que hoje estás um artolas.»

Marinho, se me leres: o «bacalhau-sardinha» de facto só para inocentes.

Desculpa as gambetas e põe-te aí ao meio que eu já te finto.

XVII

De como surgiu em Coimbra o autêntico Di Stéfano, aliás Bentes, e durante meses ninguém ousou dizer na Rua Guerra Junqueiro «que grande golo, ó pá!»

Os espanhóis tiveram o Di Stéfano, os portugueses tiveram o Bentes. O pior é que, para os espanhóis terem o Di Stéfano, receberam-no já em segunda mão de Buenos Aires, ao passo que o Bentes veio fresquinho, praticamente júnior ou coisa assim, de Portalegre: Bentes com maiúscula foi em Coimbra que se autogerou.

E depois o Di Stéfano, mau como as casas quando o caldo verde lhe subia ao nariz, não era mesmo nada gago na hora da palmada, ao passo que o Bentes (ah, aqui eu precisava do tom dos evangelistas!...) nunca por nunca se rasteirou, bateu, empurrou, alanhou, arranhou ou coisa parecida salvo uma ou outra excepção para quebrar a monotonia. Do Bentes aos anjos ia para aí um metro, metro e meio, ínfima distância neste vale de lágrimas e de tintas trocadas. Resume-se já: o autêntico Di Stéfano era afinal o Bentes e estamos conversados.

Quando o Bentes fez o primeiro treino, fui de propósito ver. Fiquei banzo!

«Ó pás, o gajo mexe naquilo que parece mentira», contei depois à maltózia da Guerra Junqueiro.

Não queriam acreditar.

«Finta com os dois pés?», inquiriu o Luís Marques, meio cego do esquerdo.

«E de cabeça, hein, de cabeça», cortou ansioso o Marinho Sacadura, é melhor que o Peyroteo?»

O Fausto, que tanto se lhe dava, mesmo assim também meteu a palha na sopa:

«Se calhar é mas é um como os outros, um como aquele sueco porreiríssimo que afinal nem jogava a bola a sério...»

Calei-os a todos, e mais ainda ao Fausto, insidioso na sua comparação com o pobre escandinavo que um dia apareceu em Coimbra a pedir para dar uns chutos na bola, é formidável, é internacional (diziam-se maravilhas do sueco!), e vai-se a ver era um cidadão engenheiro chamado a Coimbra por causa da instalação dos *trolley-buses*: apeteceu-lhe fazer um bocado de exercício, correr uns minutos ao ar livre, e por pouco não assinava ficha e tudo...

«O Bentes», declarei alto e bom som, «é um caso à parte.»

No treino seguinte deslocou-se a rua em peso a Santa Cruz para confirmar. Por acaso o Bentes nem fez grandes maravilhas nessa tarde, mas bastou. Bastou para a púrria se calar, resmoer por dentro uma nova e inqualificável admiração.

Daí em diante eram «golos à Bentes», «fintas como as do Bentes», «toma lá esta à moda do Bentes», etc., etc. até à exaustão. Com o Bentes nos comparávamos, embora soubéssemos que muito sal haveríamos de comer antes de

lhe chegarmos aos calcanhares.

Pior um pouco, fora do módulo Bentes nada existia. Golo dos bons, dribles da rainha-mãe, *corners* a razar, só valiam o seu peso em ouro se trouxessem a marca do Cavaleiro Bentes Andam Assim, dizia-se «como o Bentes» ou não se dizia nada. O próprio cronista destas linhas já se não aventurava a reclamar a autoria genuína de tal ou tal proeza futeboleira – aquilo tinha o fluido dele aquilo era a marca dele, «*made in Bentes*», e já está.

Meses a fio esquecemos o cumprimento da praxe – «grande golo, ó pá!» – para tentarmos apenas imitar o extremo-esquerdo da Acadêmica, coqueluche da cidade e vítima designada de todos os defesas-direitos marretas do país.

«Grande golo o quê?!», insurgiu-se o Fausto, imaginem, o lingrinhas do Fausto, de uma vez em que o craque berrou satisfeitíssimo por haver fintado este mundo e o outro antes de mandar a chinha a morrer mesmo junto ao calhau esquerdo da baliza contrária. «Grande golo, isso? Então e os do Bentes?»

Igualmente me recordo de um jogo em que o nosso herói exemplar mamou em corrida um benfiquista, deu-lhe um nó cego dos antigos, chamou o guarda-redes (seria o Martins?) e enfiou a bola por entre as pernas deste, que ainda hoje não deve saber como pôde tudo isso acontecer em três segundos ao cronómetro. Estávamos todos na bancada dos sócios e abrimos uma boca de puro gozo.

«É pá, genial!», consegui eu gritar quando a emoção se apagou um bocadinho.

«Brutal, pá!», regougou entre lágrimas o Sacadura amigo.

Os demais nem um adjectivo: podiam lá transmudar em verbo humano aquele nó cego, aquelas fintas, aquele soberbo golo?

O Bentes hoje está professor primário em Coimbra, creio, e talvez esboce um sorriso ao ler (se ler) a evocação que faço dele. Saberá que acabámos por livrar-nos da sua onnipresença, claro, quando falhou um goláo ao Belenenses. Tinha que ser: de outra forma havia estátua, nome de rua, rebuçados marca Bentes, eu sei lá...

«Ora gaita!» fez o Fausto nessa tarde aziaga. «Nem parece do Bentes...

Respirámos todos fundo. Quinze dias depois, o mais tardar, readquiríamos nome, estado civil e habilidade própria, graças a um chuto do Bentes na relva, que é o que o Eusébio também faz às vezes e depois fica muito sonso a olhar para a bota.

XVIII

De como Silvano, o «rato dos canos», veio viver para a minha rua e se fez um guarda-redes monumental (de óculos escuros).

«Há lugar para este marmelo?»

À pergunta, posta em tom de cunha pelo Luís Marques, dono do famoso quintal e portanto bem situado para tais atitudes mundanas, referia-se a um certo Silvano de que eu já ouvira falar mas que só agora via e cheirava por vez primeira. Do Silvano rezavam crónicas recentes o seguinte: natural de algures no Norte, mudara-se com a família para Coimbra e estava matriculado num colégio da Cumeada; tinha um troçolho dos grandes no farolim esquerdo, usando por isso lentes fumadas à maneira dos artistas americanos.

«Ah, tu é que és o Silvano!» .

«Sou», disse o sobredito. E depois de uma pausa: «Jogo à baliza.»

Ora aquilo dos guarda-redes era sempre a mais acesa das encencas na Rua Guerra Junqueiro e subúrbios olímpicos – tudo nascido para o ataque, tudo de pé em riste e biqueira afiada, quem suportava o gelo, a indiferença, a grossa chatice de entre calhaus? Assim, aparecer de chofre um *quíper* equivalia a dádiva dos deuses.

«Põe-te lá à baliza», ordenei para o Silvano, ajeitando já a chinha na imaginária marca dos penálties. O Silvano deu uma pancadinha amorosa nas lentes fumadas, a fixá-las melhor sobre o osso do nariz, e respondeu:

«Muito alto não vale.»

«Tá bem», concedi, «eu cá amando-as rasteiras e logo se vê. Preparado?»

Que sim, fez o Silvano. E não é que voa como uma andorinha para a bola, dá-lhe a sapatada do estilo, levanta-se e nem as lentes se mexem? Coisa semelhante (pasmosa coisa) jamais topáramos a frio na Junqueiriana secção da cidade. Desatei a fazer pontos de exclamação nas circunvoluções cerebrais: !!!!!

Dez penálties, oito defesas do Silvano e só duas ameixas no sítio, uma das quais, aliás, quase defendida (chicha com efeito, o Silvano soca, ressalto no calhau e pronto).

«Sim senhor, temos homem», suspirei. «Mora dois andares por cima de mim», anunciou muito lampeiro o Luís Marques. «São do Porto».

«Ah, da terra do Barrigana!», concluímos praticamente em coro. «O meu pai é das cervejas», adicionou Silvano. «No Porto era o rato dos canos».

«O teu pai?»

«Não, eu!», repôs a criatura nortenha.

«É que havia um cano na minha rua e eu tinha lá o tesouro.» Ficaria, pois, «rato dos canos» pelos séculos dos séculos. Com o que, diga-se em abono da verdade,

pouco ou nada se importava, e até cozinhou um nome de guerra ianque, «Cano Mouse», que não deixava de impressionar os atletas das ruas adjacentes.

A estreia internacional do Silvano «Cano Mouse» foi contra o Arsenal da Conchada, onde imperava o estimável, porém mau como as cobras, Quim Charuto. De duas vezes anteriores tínhamos ganho à rasquinha e fora preciso este vosso servidor vir do ataque à defesa para secar as artimanhas do Charuto, cujo pé direito não perdoava a mínima desatenção.

Aprazado o match para um baldio perto do cemitério, Silvano, ex-Porto, equipou de joelheiras, boné, camisola à pescador e, evidentemente, gafas escuras.

«Com essa porcaria não joga», interpôs o Charuto.

Faz-te mal à vista?», gritou zangadíssimo o émulo do Barrigana. «Tens medo que eu te pise?»

Charuto lá aquiesceu, embora com mau cenho. Jogaria Silvano de gafas à Tyrone, jogaria como quisesse – futebol é futebol e na chinha é que elas são.

Pois foi – foi a zero. Três secos, se vosselências pretendem apontar. Silvano voou, sapateou, mergulhou, deu golpes de rins, tirou bolas da cabeça do humilhado Charuto, e tudo, sempre tudo muito bem vistoriado de óculos escuros, como um senhor. Para ele, sofrer um golo era pior do que reprovar na primeira adiandada. Terminado o prélio, reuniram os da Conchada e lavraram a seguinte acta: que não há direito de jogar com óculos; que não há direito de trazer gajos de fora; que a Conchada grande e esplendorosa, etc., e nós uns valdevinos, etc., e que daí para o futuro só arbitrado por pessoa neutra.

Leram o relambório, pegaram na chinha e dispunham-se a zarpar, mas aí saíu-lhes à travessa o brilhante «Cano Mouse» com este discurso:

«Vocês são piores que o Arrebenta Futebol Clube da Sé. Vocês só sabem é passar rasteiras e discutir uns com os outros. Da próxima jogo ao ataque e vocês vão ver!»

«Tu também jogas ao ataque?», perguntei nessa mesma tarde ao nosso insofismável Silvano, um tanto receoso da concorrência aos meus doutos dois pés.

«Não, pá», admitiu Barrigana. «Eu até vou à baliza porque não dou nada lá à frente. Mas esses da Conchada escusam de saber, não achas?»

Segredo tão bem guardado valeu-nos isto: nunca mais os arsenalistas sonharam em desafiar a Guerra Junqueiro. Charuto, absolutamente em crise, aparecia cada vez menos no Estádio do seu bairro e pretextava terrível mazela da pata direita.

«Um troçolho», dizia ele a quem queria ouvir.

«Troçolho», riu-se o Silvano, «é a avó dele...»

E dava outra pancadinha nas gafas, todo babado.

XIX

De como me saiu uma bola de cautchu no número da sorte e a ofereci à minha equipa, e outras aventuras de confeitaria

Um sábado em que tinha oito anos e boné de grande pala na cabeça dei por mim a desembulhar cinco tostões de rebuçados dos «jogadores», simpáticos drops com sabor a coisa nenhuma senão a açúcar e, por dentro, um cromo representando um craque do futebolinha de então. Custava cada um dez centavos. Havia uma caderneta onde a gente colocava, de acordo com a numeração, os cromos saídos, formando assim as equipas da Primeira Divisão. (Sucedia por vezes aparecer no Atlético um jogador que entretanto mudara para o Belenenses ou vice-versa, mas não fazia mal.)

O pior, ou o aliciante, destas colecções mastigáveis era a existência de um número da sorte. Se havia 200 Peyroteos, 100 Mourões, 400 Alberto Gomes ou 800 Pingas na caixa dos rebuçados, número da sorte só havia um e podia muito bem ser um ratinho qualquer do Oliveirense ou do Lusitano de Vila Real de Santo António, mais desconhecido que o nome do carmelengo de Bento V

Em saindo o número da sorte já ninguém queria comprar rebuçados da caixa «estragada», pormenor que os merceeiros solucionavam exigindo o maior segredo ao felizardo.

«Já saiu o número da sorte, senhora Isaltina?» A senhora Isaltina jurava que não.

«Mas ó senhora Isaltina, a caixa tem só praí uns cinquenta rebuçados!...»

«Então é porque o número da sorte é um deles», obtemperava a dona da caixa.

Uns ricaços de calções compravam aos cinco e aos dez escudos, se não mais. Eu e o comum da população arriscávamos fichas das pequenas; um tostão, dois tostões, uma croa. É claro que se ficava verde de raiva quando os cinco tostões, amealhados ou mendigados na *domus paternalis* com terrível quão severo esforço, proporcionavam três Peyroteos e dois Pirezias, ou dois Pingas, dois Nanas e um Armando Carneiro (ainda por cima o Armando Carneiro andava dentro da caixa aos mil!). O cúmulo do azar teve-o o meu dilecto amigo Bernardino, «Pé-de-Chumbo» ao sacar sete Rogérios do Benfica em dez tostões de rebuçados: foi a casa buscar a caderneta e deitou-lhe uma caixa de fósforos, fósforo a fósforo, para melhor exorcismo.

Como supra informávamos, deu o craque por si, certa manhã (ou fim da manhã, após canto coral e ginástica), a desembulhar uma croa de drops desportivos. Primeiro drop: Peyroteo. Segundo drop: Vieirinha. Terceiro drop: Peyroteo («ai a minha vida»). Quarto drop: Martins. Quinto drop: Pires.

«Pires?», admirou-se muito o craque e leu por baixo: «Famalicão». Pesquisou na caderneta para saber se já tinha. Não tinha. Mas ao lado, absolutamente

inesperada, uma voz de angústia, inveja, espanto e lacrimajante emoção interrompeu então o trabalho de pesquisa:

«Ó pá, tens o número da sorte!»

O craque sentiu as pernas de flanela, depois de gaze, finalmente de algodão hidrófilo. Largou-se a correr, parou, voltou atrás, deu mais uma corrida, hesitou sobre a direcção a seguir.

«O que é que tem aquele gajo?» perguntaram à voz inesperada. A voz inesperada:

«Saiu-lhe o número da sorte, o Pires do Famalicão!»

Foi um alvoroço. Mais do que isso: nem houve espaço para alvoroço. Quando as pernas do craque regressaram à primitiva consistência, a senhora Isaltina foi lá dentro ao fundo da loja e trouxe uma bola de cautchu EXACTAMENTE COMO As DA PRIMEIRA Divisão embora em tamanho pequeno. UMA BOLA DE CAMPEONATO! Número zero, mas que importa? DE CAMPEONATO!

A rogos vários, como jamais a minha paternidade consentiria no descoco de levar tal arma de arremesso para casa, fiz-me um bocado renitente quando o Fausto sugeriu que o Guerra Junqueiro F C. não tinha bola em termos mas lá acabei por aceitar a ideia: com a bênção apostólica e todas as dispensas da praxe o esférico seria para a equipa.

Ah! como chutámos e rechutámos e demos sebo e mais sebo ainda naquela maravilha redonda! Parecíamos uns senhores, como agora se diz.

Num acto de sã amizade o Marinho Sacadura arranjou cinco tostões para eu comprar novos rebuçados.

«Mereces, pá», desfiou ele à maneira de discurso.

A bola, essa, durou estritamente quatro dias. Furou-a o Dominginhos com um prego dum protector e eu estive vai não vai para lhe fazer pagar cara a incúria. O que o safou foi ter cinco anos – coisas de crianças...

De como os Jogos Olímpicos de Londres foram uma perfeita bodega comparados com os da Rua Guerra Junqueiro e estes consagraram a bonita modalidade do «tiro ao lombo» (de gato)

Em 1948, depois daqueles anos de guerra que o pintor a óleos pesados quis transformar no match da sua vida e por acaso acabou torto (dizem que acabou assado e fortemente falecido), a Inglaterra organizou em Londres uns brutos jogos Olímpicos nos quais nenhum craque ou semicraque da minha rua participou por falta de idade. A avaliar pela Imprensa as Olimpíadas britânicas foram de estalo, o que não me custa a crer. Mas a Imprensa desconhece muita coisa: desconhece por exemplo que no ano anterior, tinha este vosso escriba dez borbulhantes Primaveras um grupo de bastantemente desportistas levou a cabo em Coimbra os pré-Jogos, assinalados pela queda de vários records (oficiosos, oficiais, e por aí fora) e pela consagração da bonita modalidade do «tiro ao lombo».

Falava-se muito dos Jogos desde 1946, se bem me Nemésio. Em 1947 não pudemos mais e desatámos a pôr febrilmente de pé a complexa marca das particulares Olimpíadas. Haveria (aliás houve, ora essa) corridas, saltos, futebol, lançamento de tijolo, lançamento de cana, fisgada e guarda-chuva na calha do eléctrico, violento desporto a que já dediquei um folhetim. Nesta última ganhei por quase cinquenta metros ao teimoso como burro Pampilhosa, anteriormente derrotado em circunstâncias que o leitor de boa memória recorda, a fisgada dividiu muito as opiniões, pois cada concorrente tinha o seu alvo e a sua pontuação específica, de onde ficar afinal tudo empatado. Quanto aos lançamentos, de tijolo e de cana, o miúdo do talho não deu chance a ninguém: dispunha de um braço, treinado na arte de trinchar carnes verdes, e limpou aquilo, como escrevia o dr. Augusto de Castro, com um sorriso nos lábios.

No futebol resolvemos formar duas equipas, uma das portas ímpares e outra das pares, actuando os «para-quedaistas» (não residentes exactamente na Rua Guerra Junqueiro) como reforço. Escusado é dizer que, mercê deste jeito que o milionário Avery Brundage daria milhões para conhecer, a minha equipa triunfou como quis e lhe apeteceu, tanto mais que o Silvano «Cano Mouse» estreava óculos escuros novos. Mesmo assim o Dominginhos, entrado nestas crónicas ainda de fralda e agora um senhor ponta-esquerda de seis anos pouco mais ou menos, marcou um golo à meia-volta aplaudidíssimo, sendo de destacar entre a massa amorosa dos contrários.

Saltos só houve um – em comprimento. Empatámos eu e o Luís Marques, creditados ambos com três passos e meio e mais duas patas travessas. O Fausto, infeliz, torceu o pé e foi-se embora para casa a chorar baba e ranho (perdoe-se-me a crueza descritiva). Já nas corridas, de uma, duas e três voltas a um mini-circuito engendrado por ali, ganhei a primeira, dei o bafo na segunda (vitória brilhante,

conceda-se, do convidado Pampilhosa, que tinha o guarda-chuva entalado na noz das goelas) e a terceira ninguém acabou porque estava tudo pouco menos que morto. As ditas corridas provocariam, como se aceita, largo consumo de laranjas e pirolitos de bola: aquilo era assim ao modo de uma torpe sufocação, o peito a estalar debaixo da camisa e esta a empapar-se de suor, que nem duas lavadeiras conseguiam torcer à beira-rio.

«Bom, falta o tiro», disse no fim do programa o Marinho Sacadora.

Admirámo-nos em conjunto: «O tiro? Qual tiro?»

«O tiro ao lombo», sacadureou o interlocutor.

E explicou: abundando na paisagem junqueiriana essa espécie chamada felina, porque não uma sessãozinha de pontaria a preceito, com prévia batida pelos arbustos do quintal do Lopes? Excelente, excelente! E fomos todos munir-nos de projecteis. (O escritor Miguel Torga conta uma cena semelhante no seu Diário.)

Enquanto metade da malta batia a floresta lopesiana e de facto os gatos começavam a espinotear de cima para baixo e de trás para a frente – ah, este estilo genuinamente metafórico! -, os atiradores de serviço arregaçavam a manga direita da farpela, fechavam o farolim esquerdo e desfechavam pedrada que fervia.

Um ruído como de vidro a quebrar veio estragar-nos a festa olímpica.

«Acertei?», perguntou o sonso do Fausto.

«Acertaste numa janela da Dona Antónia, meu cavalo», rematou alguém.

O Fausto não acreditava: então não tinha sido num gato? não tinha sido num preto que costumava estar em cima do muro?

Daí a pouco a Dona Antónia abriu o resto da janela equimosada e berrou lá do alto, possessa:

«Vou chamar a polícia, ai isso é que vou!»

Londres penso agora. Quais jogos de Londres. Os nossos, disputados tão palmo a palmo como pedra a pedra, é que devem ter agradado ao barão de Coubertin e o mais são histórias!

De como se faz uma pausa para falar do tempo e pôr à consideração dos leitores se o cronista deve continuar a encher laudas de papel

Falar do tempo é uma coisa a que se recorre quando a conversa murcha como as violetas. Pronto, já falei (o tempo está óptimo). Mas agora a sério. Acha o leitor – acham os leitores – que devo continuar a encher exaustivamente laudas e laudas e laudas (folhas) de papel, para mais ao preço que está o papel? O craque nasceu, muito bem. Deram-lhe uma bola de borracha, perfeito. E uma fisga, óptimo. Simplesmente, que tem António da Silva Pereira, que não sei se existe, com estas andanças infanto-juvenis? Que pensa Manuel Costa Lopes, idem desconhecido, com as meninices alheias? Olha, ó Zambujal, estou à espera que me digas: «pazinho, mete o craque na saca». Palavra, nem me amofino.

Ora como eu ia contando: o Marinho Sacadura mandou-me comunicar por interposta pessoa que as aventuras a que se vê agora ligado são giras, ele não se recordava de algumas, mas que o Mário Sacadura de hoje, trinta e quatro anos remansosos, deixou de existir na clave de outrora. Paciência, estamos sempre a aprender. E não sei de onde – aliás sei – falou-me um outro velho companheiro das chinchas a reclamar por motivo contrário «ainda não disseste que eu também andava por lá, que é isso?»

Este é (era) o Constantino, não o do Redol, guardador de gado, mas o cognominado «Aldrúbias» porque acrescentava trezentos pontos ao conto da praxe. Eu gostava à bruta do Constantino: para mim significava até a imaginação em pessoa, essa qualidade rara e por vezes tão mal compreendida.

Uma do «Aldrúbias»:

«O meu pai vai dar-me um automóvel a pedais».

«Dos grandes?»

Constantino «Aldrúbias»: «Dos maiores».

Ficava-se a sonhar com o buíque do nosso amigo e nunca mais aparecia.

«Então?», queríamos saber.

«O armazém já o despachou, mas parece que há coisa com a Alfândega.

Seria um automóvel estrangeiro? Não, era simpaticamente um produto nacional, logo sem precisão de ser desalfandegado.

«Que grande galga, ó Constantino», faziam os mais energúmenos do grupo.

E o nosso amigo triste, melancólico, frustrado, inquieto. Da próxima se calhar nem o deixavam contar mais uma bigue notícia... Talvez seja por causa dele que continuo ainda por uns tempos. Estou farto de escrever, estou farto de balelas escritas; a imaginação merece auxílio; de onde um quase silogismo a meu favor. (E do Constantino.)

No sábado que vem tenho uma linda para pôr em letra de forma. Escuso de dizer como se chama, pois vem aí em baixo.

(Referência à indicação do título do capítulo seguinte, colocada ao fundo da coluna imediatamente após o texto. (N. do O.)

De como o «Aldrúbias» comprou um papagaio encerado e convidou a Guerra Junqueiro em peso para assistir ao lançamento, finalmente falhadíssimo por motivos extra-competitivos

Constantino, o «Aldrúbias» chamado, dava-se mal com este apelido de empréstimo e por mais que uma vez ameaçou os *co-équipiers* de atentar um intentado contra o esquema físico de cada qual que assim o apelidasse. Mas era uma desgraça: os mais matulões estavam-se borrarando para o parágrafo único e os outros, aqueles com quem Constantino poderia eventualmente medir forças, diziam «Constantino» na frente dele (e era preciso ouvir o tom...) ou «Aldrúbias» quando o apanhavam de costas (e faziam tudo por apanhá-lo mesmo de costas – o nosso amigo tinha umas costas que nunca mais acabavam).

De aflição, lá cozinhava a vítima repetidos truques para subir na hierarquia. Eram jogos inéditos, eram fotos autografadas (por Constantino, claro) de artistas da bola, eram convites para lanches, eram anedotas, eram adivinhas... A gente olhava o fantasma e não o via. À distância de trinta anos sinto para com ele uma enorme dívida ocular.

Mas uma tarde o C.A. apareceu de papagaio na mão e finalmente foi aquela festa. O papagaio, comprado pelo próprio, não dizia «Viva o Salgueiros»: era de papel encerado. Tá bem, mas jamais contempláramos coisa semelhante ou parecida, e ainda por cima o portador se oferecia para nos deixar dar umas esticadelas ao barbante!

Resultado: marcou-se a inauguração solene do papagaio, passou-se palavra, e no dia e hora aprazados não cabia um irracional no Quintal do Lopes, sítio, aliás, de muito gato em vilegiatura solar. O Constantino ria como quem chora, ou vice-versa. Lembrava um pioneiro das séries do Oeste a contar as primeiras duzentas vitelas nascidas no rancho.

O Luís Marques inscreveu-se à frente dos mais para papagaiar o engenho.

C.A. acedeu:

«Sim senhor, o Luís. Tem bons dedos». E acrescentou logo:

«Agora deem-se todos no chão que é para o papagaio subir a direito. Se ele se ensarilha não tem piada nenhuma.,

À voz de «deitar» deitámo-nos mesmo, incluindo o Dominginhos, que por azar aterrou em cima dum cacto e experimentou «in loco» talvez as suas primeiras aquisições de vocabulário de ar livre, o que se saúda e regista, pois aquela alma não fizera ainda seis anos. Constantino, eufórico: «Tudo de gatas?»

Os de gatas:

«Tudo.» («Tudo, ó Aldrúbias», ciciou uma voz dentro do coro.) Porém, outro valor se alevantaria, mais alto e mais veloz que o bicho encerado. Estávamos nós

no doce ripanço quando por trás do muro assomou a cabeça oficial de um representante da ordem, englobando-se nessa ordem, como o leitor já depreendeu, também a Rua Guerra Junqueiro. Houve quem ficasse sem fôlego. Sobretudo houve quem evacuasse o local em menos de uma interjeição. Escuso de orientar o leitor para o capítulo do suspense: às tantas plantavam-se sobre as ervas do quintal somente o Constantino e o 76, representante da ordem, um de papagaio a tiracolo e o outro a coçar a testa. Os dois interditos, gagos, a raciocinar ao *ralenti*. Constantino: vou preso, não vou, papagaio não é crime, mas se fujo ele apanha-me e depois? Autoridade: agarro-o, não o agarro, papagaio deve ser crime mas não sei qual, e se o miúdo foge tenho de correr atrás dele e porquê?

Pôde mais o Constantino. Num repente larga o papagaio e deita a fugir pelo quintal fora, batendo seguramente os 9,9 s. aos 100 metros dos recordistas americanos. Da parte da autoridade restava fazer o que fez: pegar no bicho, enrolar a fita e ir depositar o achado na esquadra, onde o pai do «Aldrúbias» no dia seguinte foi recuperar, com muito bons modos, aquela traquitana.

Lançamento é que nunca mais houve nem haverá. Certas coisas são, como foi neste caso o papagaio, feridas pelo inclemente destino – e acabam no fogão com muito fumo a sair pela chaminé. Ó povo de pirómanos!

XXIII

De como a família Sacadura se irritou com um vidro partido e exigiu a sua integral substituição, resolvida pelo sistema de rifas a dois tostões.

As rifas são um invento extremamente oportuno, altamente humano e superiormente tecnológico (apesar das críticas em contrário). As rifas foram a nossa providencial safa quando um pé torto, despediu uma bola de borracha na direcção de uma janela da família Sacadura, Rua Guerra Junqueiro, Coimbra, em ano recuado da formação desportiva do cronista. O pé torto, a propósito, calçava um dos meus sapatos.

Nem sei bem como foi. Sei que quis alvejar a baliza adversária acertar pelo menos numa das pedras (postes) da dita, e o esférico entrou em «looping» e colidiu involuntariamente com a vidraça. Vidraça da estirpe Sacadura, três palmos por palmo e meio e, com(todas as congéneres, singularmente frágil. «Plac», fez a vidraça. «Bolas», fiz eu. E o acidente não tinha emenda.

Estando Sacadura filho (Marinho) entre os goleadores, depreenda que daí não vinha felino aos filhós. O que é, Sacaduas pai e mãe não foram da mesma opinião e chamaram-me a capítulo, ou seja, à sala de visitas.

«Foste tu, pá?», inquiriu o progenitor do Marinho.

Hesitei dois segundos, mas ao terceiro vi que não me livrava. «Parece que realmente foi um chuto que eu mandei», respondi sem delongas.

O pai Sacadura olhou-me, eu olhei-o: são assim os homens intemeratos e verticais.

«Bom», arriscou ele, «agora pagas.»

«Pago com quê?», admirei-me.

«Não sei», concordou o meu interlocutor. «Se a gente vai dizer ao teu páter é uma amoladela».

Saí de Sacadura House desnorteado, desoestado, e desventado do quadrante Sul. Cá fora esperava-me a maltósia dos chutos. Que fazer? Onde arranjar as massas? E em quanto tempo?

«Olha», propôs a maluca do Fausto, «podiam-se vender umas rifas a dois tostões. Eu tenho no meu quarto uma estátua» (era estatueta, mas enfim) «e rifa-se a estátua e juntam-se uns vinte ou trinta paus e...»

Não o deixámos acabar: uma vez sem exemplo mostrara espírito, sagesa e vontade de desenrascar o semelhante!

As rifas foi um ar que lhes deu. Passámos colecções e colecções delas, até a simples transeuntes, muito espantados da estatueta e seu fino, brônzeo recorte nacional. No fim tínhamos dinheiro para cinco vidros em vez de um, e contratámos com um artista a operação de reposição e derivados.

O pai Sacadura largou-nos, dias volvidos, um execrável discurso acerca dos malefícios de jogar à bola em recintos não previstos para o efeito, discurso que fizemos o favor de não ouvir. A janela sinistrada ficou como nova, tão nova e apetitosa que resolvemos não tentar o diabo e nos mudámos interinamente para outro e mais longínquo passeio. No mês seguinte, contudo, «plac» – vidro para o maneta e imediata reunião de emergência. Mas não fora culpa nossa. Quem tem empregadas da Beira que se acautele, e isso mesmo transmitimos à sr.a Sacadura.

De como Lavoisier mostrou uma pistola a um guarda-redes e este passou o jogo a dar saltos, que lhe custaram vários golos absolutamente defensáveis

O Lavoisier não se chamava Lavoisier: tem outro nome, mas como está vivo e ainda deve guardar a pistola na gaveta prefiro cognominá-lo assim. O Lavoisier ia ao futebol todos os domingos e não me consta que levasse a pistola. Não a levava habitualmente: levou-a uma vez (e uma pistola não faz a Primavera...) porque eu estava lá e vi e até apanhei um apertão ferocíssimo nas tripas só de olhar para aquilo.

Aquilo, portanto, era uma pistola. De alarme? Pelo menos alarmante, e isso mesmo pensou o guarda-redes quando o Lavoisier o chamou às boas:

«Pst, pst, ó amigo!»

Vira-se o guarda-redes para trás, dá com a pistola e fica branco, ele que por acaso até trajava de impecável azul, meias inclusas. Em roda fez-se o chamado silêncio das *vernissages* de pintura.

«Vais dar-lhe um tiro?», perguntou um vizinho ao Lavoisier. Este encolheu os ombros, enfadado:

– Nem sequer o conheço...

Não conhecia, mas de vez em quando voltava a chamá-lo, «pst, pst», sempre com a pistolinha apontada. O guarda-redes passava do branco ao bege, do bege ao cinzento e do cinzento ao azul, altura em que readquiria a tonalidade inicial e se punha a espreitar os atacantes contrários.

Agora quererão por força saber os leitores: onde foi? com quem sucedeu a cena? o guarda-redes era o Azevedo, o Martins, o Zé da Esquina? Não sei, não sei, não sou de intrigas. Vi. A memória não me engana. A memória e o apertão nas tripas, que dura há quase trinta anos.

O Lavoisier é que não saía do mesmo sítio. Ou melhor: saiu ao intervalo para se ir postar atrás da outra baliza. Creio que ele e o guarda-redes tinham entretanto travado conhecimento, embora de modo precário, e já se não despegavam.

O guarda-redes olhava para os avançados, para o público, para as árvores (esta das árvores é uma pista). De cinco em cinco minutos lembrava-se do Lavoisier e modificava a alça, mirando então o portador da pistola e esta própria, negra e hiante (cf. comentários aos *Lusíadas*, episódio do Adamastor). Em resultado do que, bolas ainda longe, no meio campo, eram suficientes para a pobre vítima pedalar desde a grande área e saltar a inexistentes cruzamentos, dar palmadas no ar, torcer-se todo sozinho. Não, não foi em Coimbra, foi noutro sítio. Mas foi um circo perfeito. Deprimente. Culpa do Lavoisier. Este Lavoisier merece o inferno, se o inferno for, como espero, a obrigação de assistir a todos os jogos da próxima

liguilha da primeira/segunda divisões.

O grupo do guarda-redes perdeu, é claro. Não se admitia (o Lavoisier não admitia) outro desfecho. O grupo perdeu, e para tal muito contribuiu a péssima exibição do guarda-redes, a sua «tarde para esquecer», como escreveu um repórter. Aqueles saltos o que é que podiam dar?

No final, acendendo uma bia, Lavoisier contou ao vizinho:

«A sério, sei lá quem era o tipo. Isto são mas é treinos para quando o Barrigana jogar contra a malta.»

«É pá, mas isso carregado...», ia a dizer o vizinho.

«Carregado coisa nenhuma. Julgas que eu sei dar tiros?», verberou-o o Lavoisier.

Deve ter nascido nesta longínqua data o meu horror pelas armas de fogo ou parecidas; e aqui se confirmou também que eu não dava, não daria nunca nada à baliza. O resto da recordação esfuma-se como fumo de cigarro (cf. Júlio Dantas). Relataram-me não obstante que o guarda-redes se transferiu de clube, e que o Lavoisier, monstro vivo de uma infância nos anos 40, derivou mais tarde para uma especialidade afim, igualmente anti-guarda-redes: lançar pregos para a grande área.

Aquilo era cisma que ele tinha.

De como um leitor corrige a história do Lavoisier com a pistola, ou de como afinal a Primavera tem um gatilho mais comprido do que eu pensava

A propósito da história do Lavoisier com a pistola (apontada a um guarda-redes) dirigiu-se-me por carta um Leitor que, de par com outras críticas, faz uma absolutamente de fundo: a crónica do último sábado estaria «engatada do princípio ao fim». Dou desde já a máquina de escrever à palmatória e passo a reproduzir a carta do Leitor:

Senhor cronista,

má memória tem V Ex.a ao trazer a terreiro a inacreditável cena que meus olhos também contemplaram num domingo de Março de mil novecentos e ... (reticências). Só agora conheço o nome do energúmeno da pistola, esse biltre sem qualificação, esse verdadeiro atentado em gente aos costumes: Lavoisier! Saberá V Ex.a que, ao cognominá-lo desta forma, manchou o nome de um Grande da Ciência? Mas adiante. Quero, sim, desmenti-lo quanto possa no tocante a alguns pontos factuais.

O guarda-redes em questão, raro exemplo de desportista, não mais foi o mesmo depois da inacreditável cena. Eu, que nesse ano preenchia as funções de tesoureiro do clube, logo me apercebi da crise por que o Z. passava. Exigiu primeiro uma escolta para os treinos. Depois um esquadrão de cavalaria para os jogos fora e meio esquadrão para os jogos em casa. Receei mesmo que viesse a exigir todo o exército para os oitavos-de-final da Taça, mas felizmente fomos eliminados.

Isto é para vincar bem que a cena se não esgotou com o gesto bandoleiro do seu Lavoisier. Quer que lhe conte mais? Pois então eu conto: o pobre guarda-redes, a «pobre vítima» que, como V Ex.a escreve, saía «a pedalar» pela grande área fora, ganhou tal asco ao futebol que na época seguinte rasgava todas as segundas-feiras os jornais que traziam relatos de jogos e furava com um alfinete os olhos dos seus ex-camaradas de desporto (já então abandonara o desporto-rei), dos árbitros, juízes de linha, etc., que por acaso via em fotografia nas ditas folhas informativas. Logrei há pouco, somente no ano transacto, recuperar a «pobre vítima» – a indefesa vítima acrescentaria – para estas sãs realidades atléticas. Já vai preenchendo, uma vez por outra, o seu boletim do Totobola, mas tão a medo que não arrisca mais de 4\$00. Veja V Ex.a o terrível resultado, a mazela horrenda que o seu Lavoisier provocou nele. E está o seu Lavoisier vivo? Não lhe estoirou nas mãos a arma assassina? Não o matou, certa, uma apoplexia quando o clube (ah, porque eu sei qual é o vosso clube, o de V Ex.a e o de Lavoisier) baixou à Segunda Divisão?

Esquece V Ex.a o resultado do prélio da pistola. Foram cinco a zero. Cinco golos que os avançados não marcaram, digo bem, verdadeiramente não marcaram, mas que devem ser antes contabilizados a favor do seu Lavoisier. E esquece, ou

finge não se lembrar, ou talvez não tenha visto (se calhar não viu) que eu, signatário orgulhoso destas linhas, tive para com o energúmeno a única atitude que um homem de bem poderia ter: cuspir-lhe! Cuspir-lhe, senhor redactor, e apenas não lhe acertei porque se interpôs um representante da autoridade e, sendo esse o alvo involuntário, achei por bem fazer uma retirada até à camioneta da excursão.

Viva o meu clube! Atentamente,

J. S.

Aqui fica, pois, o reparo de um leitor atento à historicidade da História. Dos lapsos, mais de memória e desconhecimento parcelar do que outra coisa, pedimos desculpa a quem tenha estado também atrás das duas balizas. E já agora um viva ao meu clube, que são todos os clubes de todas as Divisões divididas ou por dividir, com exclusão dos clubes de atiradores.

P. S. – O Lavoisier também me escreveu, mas em postal que é mais baratinho. Reclama, evidentemente. Por exemplo: «para quê falar em pistola, se como toda a gente sabe» (fico finalmente a saber) «que ela era de alarme? Assim» – acrescenta –, qualquer dia vão dizer que eu sou um energúmeno ou um biltre. Não há direito! Eu até já nem me interesso por futebol. E mesmo o Totobola, que toda a gente joga, só o jogo desde o ano passado. Quatro paus e bonda... Futebol, meu filho, é chão que deu uvas», Será?

De como o maior basquetebolista português do meu tempo começou a treinar com uma bola de ténis ao pé da cozinha

Vi nascer ao meu lado o maior basquetebolista português dos últimos anos: chamava-se Mário e começou, salvo erro, com uma bola de ténis.

Este Mário teria sido bom em qualquer desporto. Futebol? Chegou a experimentar e vaticinavam-lhe um sério futuro a meio-campo, embora defendesse também optimamente e tivesse um petardo escalafriante (como diz o Vítor Santos) lá à frente no sítio em que se marcam golos. Pingue-pongue? Era uma raquete de luxo, um perito, um licenciado em puxanços mas às tantas aborreceu-se e deu lugar a outros. Muita gente o queria cativar para muitas modalidades. Afinal ganhou a bola ao cesto.

Para começar, foi sem cesto. Tudo se resumia a um arco de arame fixado ao pé da porta da cozinha. O Mário corria do fundo do quintal, galava a taleiga com os olhos e zás, bola de ténis mesmo no meio. Eu depois ia ver os seniores da Académica, do Sport ou dos Olivais e parecia-me que o Mário jogava outra coisa. Bateu certo: o basquetebol deste meu amigo revelar-se-ia o mais belo e eficiente de quantos se praticavam (1.ª classe, 2.ª classe, 3.ª classe, à palmada e à padeiro) em campos do país. Estilo inimitável. Souplesse de animal à solta. Inteligência táctica fora de série. Hoje está arrumado, tem criancinhas, se calhar já nem vai ver os americanos que a gente anda a aporluguesar de tabela a tabela.

Ah, mas é que se ia ver jogar o Mário e menos o clube. Lembro-me de uma:

O Mário está com gripe, não alinha.»

Estupefacção no Círculo dos Amadores de Bancada! De onde a proposta rápida:

«Então o melhor é irmos aos Bombeiros. Há um filme de cobóis...»

Uma vez apareceram em Coimbra os Harlem Globetrotters, trazendo à soga os All Stars of America. Armou-se um campo especial no recinto de futebol de Santa Cruz e caiu lá o poder do mundo, pois nessa altura ainda os americanos não perdiam medalhas de ouro por um ponto. Por acaso até foi bonito, e mais bonito quando o Alberto Martins (emendo para a actualidade: o prof Alberto Martins, treinador em actividade) marcou o primeiro cesto da noite, aplaudido por milhares de pessoas. É claro que os Globetrotters depois fizeram tal estrago na concepção local do jogo que a malta concluiu:

«Isto nunca mais aprendemos.»

Aprendeu o Mário. Aprendeu de um dia para o outro. Pôs-se no campo de treinos, pegou na bola e começou a rodopiar com ela, a transformá-la em ioiô. Vinham curiosos de muitos metros em redor admirar o fenómeno. Por isso então o Mário, inchado como convinha à habilidade, gritava aos quatro ventos do

anemómetro: «Toma lá esta à Guse Tattím!» (Art «Goose» Tatum.)

Ou:

É pá, olha o Marquezeines!» (Marques Haynes, americano filho de um emigrante de Cabo Verde)

O cronista modesto destas linhas, que só jogou três partidas de basquetebol em toda a vida e mesmo assim sabe-se lá com que dispêndio de vergonha, inventou no seu quintal um arco igualzinho ao do Mário e tratou de experimentar. Mas não saía nada de jeito. A bola fugia-lhe dos untos animada pela mais inesperada força centrífuga que manuais de Física registam. Aquilo era para eleitos dos deuses, fossem gregos, romanos ou hotentotes, nunca para marretas de província.

Escrevo o texto supra com uma trotadora saudade pelos anos que não voltam, que foram melhores do que os de agora (e não foram: agora é que é a sério). Confesso ainda: voltei a ver basquetebol depois do «século do Mário», mas deixame um gosto azedo na boca. Ó vinhos adulterados, quantos quartilhos emborcamos à má fila?

XXVII

De como o Ramelas se transferiu para o Guerra Junqueiro FC. e quis pôr tudo a jogar em WM, mas não havia quorum e voltámos ao mesmo de antes

Que faz um craque quando começa a pensar (matutar, meditar, meningitar) sobre a melhoria da espécie desportiva? Pensa como o outro, que parecia ceifar de raiz o futebol não sei de onde, construir um bruto estádio para 75 mil mangueiras e ir pelo mato fora em busca de estrelas madurinhas, estrelas rurais abandonadas entre um funje e um guizado com quifufutila. Foi o que o craque fez: desatou a interrogar-se:

Interrogava-se assim:

«Isto do Guerra Junqueiro Futebol Clube já deu o que tinha a dar. As estruturas estão erradas. O público afasta-se. Qualquer dia jogamos mas é para as pedras da calçada – se ainda houver pedras. Logo...»

E volta a interrogar-se:

«Precisávamos de craques» (esta do craque a sonhar com craques é linda!) «que atraíssem aos relvados» (vendo bem: pelados de pedra municipal) ((as fartas multidões de outrora...))

Mas nessa época os supercraques, os divinos, eram um Stanley Matthews, um Gainza, um Bem Barek, um Ademir. Tudo malta para custar mondegos de dinheiro. Inútil, pois, adiantar-se (o craque) por tal via.

«Ó pá, tu sabes de algum tipo jeitoso de outra rua aqui perto?», perguntou o craque ao seu companheiro de friquiques Fausto, andarilho como poucos.

«Sei», prontificou-se a responder a personagem supra. «Conheces o Ramelas?», Nunca o craque ouvira mencionar tão feio nome.

O que é que ele tem nos olhos?», insistiu só para apalpar a argumentação.

«Nada», elucidou o Fausto. «Joga bestialmente bem.»

Parece que chegava. E daí, porque craques não perdem tempo, surgiu repentina ordem de serviço:

«Fausto, a caminho!»

Acaminhou-se o companheiro dos friquiques, célere como o comboio da Lousã. Acaminhou-se com o mais incerto dos destinos. Por onde andas, Faustanas? (Ando por aqui – transmitia telepaticamente o não-interlocutor.) Ah, como custa esperar, esperar o desconhecido, o Adamastor futebolístico, o infernal vazio... O que é verdade é que o Fausto sempre regressou. E não vinha só: trazia o Ramelas pela arreata (simples modo estilístico).

«Com que então...», ia o craque a estipular.

«Sou o Ramelas», disse o próprio. «Jogo em WM».

Mais não era preciso, como calculam. Nesse entrementes de dia primaveril fomos avaliar o porquê da fama.

«Joga em WM!», admirava-se o Dominginhos, pasmadíssimo de Oliveira.

Ramelas explicou: «Preciso de onze.» «Onze paus?», recuámos todos à uma. Ele riu-se:

«Onze jogadores, pá».

Barraca: tínhamos juntado oito, e mesmo assim por causa da maravilhosa estreia. O Ramelas engoliu em seco. Oito? Impossível.

«Ahn?», recuámos ainda mais.

«Claro», ramelou o dito. «O WM tem o guarda-redes, dois beques em linha, um bécocentro, dois alfes, dois interiores, o avançado-centro e lá à frente os pontas que é pró barulho, prà queima.»

Recontámo-nos entre todos: oito. Isto é, nove – com o conferencista.

«Então... », baldou-se ele.

É, não há quórum», gramaticou em latim vulgar (termo vulgaris – esta é dedicada ao meu amigo Afonso Praça) o Luís Marques, cujo pai por certo lhe havia insuflado a linguagem do Clube Pirilampos de Celas em assembleia geral.

Não havia: nem quorum nem WM, e quanto à bola era o que Nosso Senhor nos servira sub specie (toma lá mais esta, Afonso) de borracha com um furo. Ramelas entristeceu. Tal se o Inverno tomara já conta dele. Tal se o viridente Estio o empurrara para os brancos dedos do Austral. Vencido, deprimido, sussurrou:

«Como vocês quiserem.»

E foi exactamente. Uma futebolada sem WM, só com as primeiras letras, durante a qual o nosso convidado defraudado falhou mais chutos do que o Noronha do União. (O Noronha que até era bem bom – adiante.)

Ó Ramelas, se te lembrar aparece outras vezes por cá», tentou o craque mansamente.

Não apareceu. Very british, foi-se como o fumo. «KO», good-bye, Morris Minor. The End. (Um dia destes escrevo uma crónica toda em língua da rainha, olá!)

XXVIII

De como o Fausto espalhou que tínhamos sido propostos para as escolas de jogadores da Académica, coisa que só depois (e com outra rapaziada) se tornou realidade – isto chama-se azar!

O Fausto sonhava entrar um dia no campo de Santa Cruz, à hora do chá de canela, todo vestido de preto e com botas de travessas e lenço de pontas a dar a dar no alto da tola. Mas como este Fausto neste ponto da história só tinha nove anos, dez no máximo, entrava para a bancada de sócios e já era um pau por um olho, e quanto ao de preto vestido nada, népia, ni lo más mínimo – isso calhava aos Bentes, aos Alberto Gomes, aos Nanas...

Sonhar, desejar muito uma coisa, invocá-la em espírito de massa cinzenta – dizem os tratados – é o primeiro passo para um curioso fenómeno de substituição no âmbito do qual a sobressenhada coisa, não chegando a existir, chega porém a existir; não acontecendo, aconteceu (ora essa, o meu tratado é dos bons!). Eis a razão por que Fausto, se hoje ler estas linhas, talvez se faça lucas e me aponte com o mindinho «mentirosa!»

Nada disso. De um lado Fausto, o que sonhava; do outro o craque, que estenografou a fábula. Pois foi de certo modo e um tanto ou qual o que se segue. Fausto chegou um dia depois de almoço ao pé do resto da pandilha e gritou possesso:

«Convidaram-nos, pás!»

«Prós anos do Armandinho?», aventurou o Marinho Sacadura, técnico em sandes.

«Ora gaita, fomos propostos», embrulhou ainda mais o Fausto. Mandámo-lo sentar. O Luís Marques apiedou-se dele:

«Coitado, deve ser de ter vindo a correr.» E fez um gesto exemplar com o indicador direito na testa, em parafuso.

Que não, enxofrou-se daí a bocado o mensageiro, já farto de estar sentado. Que tínhamos sido mesmo convidados, propostos. E convidados, propostos – atenção, ninguém mexe... – PARA A ACADÉMICA!

«Ena», gorgolejou o Dominginhos, seis anos em flor de macela.

«Essa é forte», inventariou o Luís Marques, filho de um leitor ferrenho do dr. José Maria Eça de Queiroz, cônsul.

Por causa das coisas o craque, bom senso em pessoa, fiel da balança, clara justiça, etc., etc. (ad libitum), quis logo tudo em pratos limpos:

O meu amigo conta isso direitinho, senão... Fausto, inquieto:

A Académica vai formar escolas de jogadores., Fausto, menos inquieto:

«Aceitam malta a partir dos oito anos.» Fausto, serenando:

O treinador é o sor Telecheia» (bom dia, amigo Óscar Tellechea, «che», ao tempo!)

Fausto, admirado de a gente não dizer peva: «Também vocês...»

Fausto, impante, à boca de cena:

«Ouviram falar na malta da Guerra Junqueiro e querem-nos lá a todos. Eu por exemplo vou a médio.»

A gente não acreditava. Sendo do Fausto... Mas a curiosidade venceu quaisquer dúvidas e uma doce tarde de apremidi conimbricense pusemo-nos rua fora direitos a Santa Cruz, à Santa Cruz, à procura das escolas, à procura do sor Telecheia e das camisolas pretas e das botas de travessas (lenços por acaso levávamos). Ah, decepção! Ah, vingança dos deuses malfazejos! Ah, vácuo absoluto, bancada às moscas, balizas sem rede! Ah, Fausto дума figa que se não te piras já já já ainda apanhas um par de borrachos nessa montra!

O Fausto pirou-se. Coitado – como lhe chamava o Luís Marques -, aquilo não tinha um grão de maldade. Sonhar, sonhar (cf. Shakespeare, Hamlet, cena do monólogo) é próprio do homem, até aos nove, dez anos deste preopinante que hoje ocupa a crónica. Também aposto uma coisa: os Faustos do meu tempo seriam incapazes de ver um jogo de bola através do arame. Quando houver arame (e não tarda), retiram-se os Faustos, retiram-se os primos e demais parentes dos Faustos, e retiro-me eu logo a seguir. A Agricultura espera-me.

De como os seniores fumavam no regresso do Loreto e o Estoril-Praia vinha dar cinco a um à maneira de quem trinca um papo-seco

No tempo em que o futebol saíra há pouco da bola quadrada e laçarote na testa os seniores (da Académica) já não sei por que carga de água estavam volta e meia a jogar no campo do Loreto, que pertencia então ao Lusitânia, e como não havia cacau para camionetas nem pouco mais ou menos aquilo era um ver-se-te-avias de automóveis particulares parados todos os domingos à porta de Santa Cruz para transportar os meus colegas craques formato quinguentaize. Lembro-me do Bentes, do Mário Reis, do António Maria, do Eduardo Santos, e etc. e tal. Malta fixíssima, nada tecnocrata, para o gosto de hoje talvez um bocado à podoa – e depois? Um dos carros, isto para encurtar razões, era o do meu pai.

É claro que eu gramava ficar com o Bentes, passava galopadas aos restantes chóferes e dizia-lhes assim: «Já combinou connosco, vai ali no Ford Eifel, pus lá a mala e tudo» (não havia mala nenhuma, era só flor de estilo). O Bentes entrava para o banco traseiro e falava, falava, com um ouvinte atento e venerador de vossa excelência pronto a beber-lhe o mínimo adjetivo. Ah, eu juro que fui durante meses o miniespectador mais feliz da Beira Litoral!

No regresso do Loreto era certo e sabido que os bigues craques discutiam à brava com os chóferes por causa da cigarrada.

«Ó doutor, não faz mal, palavra que estou habituado..»

Mas ó Bentes» (ou «ó António Maria», («ó Mário Reis» and so on) «você assim mata-se, pá, assim mata-se!»

«É cá comigo, ó doutor», respondia o fumante a secas, «tou com um vício doido.»

O automóvel enchia-se de perfumados aromas made in Tabaqueira. E vinham novas histórias, novos episódios, agora descontraídos porque o desafio terminara. Se eu de facto tivesse memória...

Era o tempo em que a Académica ganhava ao Elvas mas encostava com o Porto, com o Belenenses E COM o ESTORIL-PRAIA! Ah, pois, o que é que julgam? O Estoril-Praia deu de uma vezada cinco a um e não deu uma banhada histórica, digna do Livro Guinness dos Recordes, porque às tantas o Vieirinha e seus pares mandaram o resultado ao rota e começaram a fazer circo. Um baile dos antigos.

O Estoril-Praia nessa época era uma coisa feroz, jogava mesmo a sério. Não se batia para o título, mas andava pelo meio da tabela e, como se vê (supravê), dava-se ares de senhor bem instalado na vida. O Vieirinha então fazia setes e oitos com a defesa, neste caso a da Académica: bola nos pés, uma fintózia para a esquerda e atrás, beque todo torcido e Vieirinha a galope direito ao Jacques (seria o Jacques?) com o golo mais que feito, bastava soprar assim: pf...

Junto estas duas metades da mesma história porque me parecem realmente metades e, juntas, uma história. Os cinco a um não se devem ao Loreto, nem aos automóveis, nem ao ano da colheita. A que se devem (deveram) portanto? Ao tabaquinho, ora essa. Aos tubos, como diz o Manuel Dias do «Janeiro» que não é o Manuel Dias do jornal de Notícias porque o Manuel Dias do jornal de Notícias não fuma tubos, fuma tabaco em português de dicionário.

Aliás, no dia em que desaparecer o tabaco dos pulmões futebolísticos (não é o Jaime que fuma como um catita) vamos a campeões da Europa, a campeões do Mundo, só não ganhamos aos ingleses porque o nosso futebol o se dá mal com o association de além-Mancha,,. Li isto não sei onde.

De como passados tantos anos sobre a Rua Guerra Junqueiro apanhei o Zambujal a médio e foi um desastre para o jornal (do comércio)

Os meus infieis leitores desculparão por certo, mas apetece-me, é que me apetece mesmo fortemente, juro, avançar uma data de anos e sem exemplo colocar as memórias em 1969, mediante o emprego do sistema «um passo adiante e depois volta tudo à mesma». Ora bem. Jogava-se nessa época áurea mais um dos chamados Torneios de Futebol da Imprensa, organização que todos os sábados fazia pelear, onze contra onze fora os suplentes, gente da estirpe de jornalistas (três cruzeiros), empregados de administração, tipógrafos, estereotipistas, serventes e paquetes (da carreira Bairro Alto-Ginginha de S. Roque), tudo gente classificada summa cum laude.

O meu time era então o Diário de Lisboa, onde não pontificava ninguém porque o único habilitado a isso, o temível ex-avançado e depois guarda-meta Luís Franco, foi uma vez apanhado pelo senhor árbitro fora do campo, imagine-se, e ainda por cima a beber tigelinhas de água-pé (no futebol batia certo) em pleno estanco do Clube Oriental de Lisboa.

A gente ganhava de vez em quando, de vez em quando empatava, mas muito mais de vez em quando vergava as costelas ao peso pesado da derrota – afinha lá esta ó Diamantino Dias!

O que eu quero lembrar passou-se contra o jornal do Comércio, que tinha a equipa mais simpática mas também a mais infeliz em pontuação – não se pode ter tudo nesta vida...

«Jornal do Comércio? São favas contadas!, – exclamou-se intramuros na folha diária onde o craque por esse entrementes alinhava.

E não foi. O «Comércio» fincou o pé, afivelou a máscara do tomba-gigantes e deu-nos imensa água pela barba. Se não tivesse jogado o Mário Zambujal...

Quem era o Zambujal? Era o futuro subdirector do Record agora transferido com óptimas luvas, segundo julgo saber, para a redacção de O Século. Se jogava bem ou mal, não interessa: transmitia-nos, isso sim, uma calma formidável porque nunca por nunca ser se chateava com os golos adversos. Por sinal até costumava dizer quando a gente amargava mais um tento:

«A eles, que temos isto ganho!»

Contra o jornal do Comércio o Zambujal (Zambuja ou Mareta para os amigos) dominou o meio campo, falhou unicamente 60 por cento dos passes aos avançados e casualmente não se tornou médio titular do escrete verde-rubro por birra, e só isso, do seleccionador. Uma tarde de intensa, soalheira glória!

Como este vosso servidor dependia absolutamente dos fornecimentos das linhas atrasadas, sem os quais não cheirava uma na grande área, calcule-se o que não foi

a exibição do Zambuja em matéria de golos feitos.

«Toma lá, miúdo» – e berrava ele.

E o miúdo, que era eu (1,72m de altura, 82 kg na balança), corria, fintava os beques, dava-lhes nós cegos e centrava, ou rematava, ou encalhava na bandeirola de canto, mas tudo com muito bom ar. Portentoso! Aliás portentosos: o Zambuja e o craque, os quais ambos e irmãmente no final tiveram de se oxigenar à beira-estádio com uns «especiais» de videira.

Foi aquele desastre. Para o jornal do Comércio, claro. Não me recordo do placar, provavelmente pouco volumoso em relação ao domínio exercido e ao maior índice físico-tático-redactorial evidenciado pelos da Rua Luz Soriano (nós). Mas moralmente pelo menos ganhámos aí por 12-0 ou 15-0, já descontando os ameaços. Qual Jaime Graça, qual Pavão, qual Vítor Campos, qual Tom, qual Bobby Moore, qual Senekowicz, qual Chumpitaz, qual Rivera, qual mãe do Rivera e família toda! O Zambuja é que era bom. Nessa tarde, acrescenta-se velozmente – pois noutras tardes e noutros sóis dava duas de dribles e apagava-se logo.

Serve também a presente crónica para lhe mandar um abraço por interposto jornal: é pá, aí n'O Século vocês vão este ano ao Torneio da Imprensa? E, se vão, tu jogas? E, se jogas, é a médio ou à bancada? E se é à bancada convidas depois o miúdo para o repasto da ordem? Bolas, vocês até têm cantina!

(Não sei é se o Artur Agostinho gosta da graça. Aviso imediato: segue cunha de primeira classe com uma senha para um passeio no Toyota.)

POSFÁCIO

Manuel António Pina

Algo que sempre me perturbou na obra de Fernando Assis Pacheco – a obra poética e, em geral, literária, como a obra, que seria de supor que fosse menos pessoal, deixada por jornais e revistas – é o facto de nela tão distintamente se escutar a sua voz. Falo da sua voz física, das inflexões e tonalidades particulares dessa voz, da sua profundidade próxima e amigável, da sua vibração frequentemente irónica, como a de quem – mesmo à beira do princípio, do precipício, como nos dolorosos poemas sobre a morte de Respiração Assistida – não quisesse levar-se excessivamente a sério ou procurasse, por timidez ou por lucidez, manter-se a prudente distância de si mesmo e das suas próprias emoções e convicções. Raramente as nossas palavras se nos assemelham, ou nos assemelhamos às nossas palavras; mais raramente ainda somos as nossas palavras. As palavras do Assis, as dos poemas, as das crónicas, as das brevíssimas recensões do Bookcionário, as duma conversa casual à porta de uma livraria ou na fila de «check in» de um aeroporto, eram, ou são, o Assis, ou o que dele nos foi dado saber, de um modo tão literal e tão idêntico que dir-se-iam uma presença a nosso lado.

Li estas crónicas durante uma viagem de Alfa entre Lisboa e o Porto. E talvez o que antes ficou dito possa explicar que elas me tenham comovido tanto. Eu conhecia aquele olhar simultaneamente cruel e condescendente sobre si mesmo e sobre alguns dos mitos maiores e menores de que é feita e desfeita essa misteriosa coisa que é a infância. E conhecia (eu é que sei!) aquela voz. Não apenas da poesia do Assis, mas da sua agora distante vida, ou da parte dela que se cruzou com a minha própria vida. Talvez daí a minha dificuldade, para não dizer a minha impossibilidade, de escrever sobre elas.

Se a obra lírica de um poeta é uma longa ficção interior com uma única e solitária personagem, talvez estas crónicas devam ser incluídas na obra poética de Fernando Assis Pacheco. Com essa obra partilham, aliás, como qualquer recenseador de serviço facilmente reparará, o tom conversado e factual, a auto-ironia, a abundância de vocabulário e alusões de tipo sumido ou familiar. É justamente o excesso de realidade que confere a aura de ficção a toda a literatura de tipo memorialístico, e as memórias do problemático craque da bola de borracha e da fisga Fernando Assis Pacheco, rei dos toques de joelhos, dos picanços, dos passes de calcanhar, dos chutos em moinho e muito mais, tal como melancolicamente as conta, muitos anos depois, um outro Fernando Assis Pacheco, não escapam à regra.

A memória é uma instável narrativa construída a partir de um tempo presente precipitando-se já no passado. E a infância, mesmo fundada na mais factual realidade, é algo que nos pertence só quando a perdemos, uma espécie de projecto ficcional, de romance eternamente inacabado. A garagem do Sr. Tomé? Ficção. Os recreios no Colégio da Avenida Sá da Bandeira vigiados pela D. Rosário Bigodes? Ficção. O Campo de Santa Cruz, a Conchada, os Olivais? Ficção. E o Tó Mané, o Marinho Sacadura, o Fausto, o Figueiredo, o Pampilhosa, o Leandro, o Camané, o Ramelas, não menos ficção do que aquele façanhudo guarda-redes de 5 anos, de boné na cabeça e lenços de assoar nos joelhos de que se lembra Fernando Assis Pacheco (ou de que se lembrava nas longínquas crónicas de sábado do Record).

Depois, quando a memória é um acto de escrita, a própria estrutura da linguagem se constitui como uma espécie de, digamos assim, «sistema narrativo» autónomo, ordenando, isto é, narrando, a narrativa da memória. Como se a prosa escrita reescrevesse («Estou farto de escrever, estou farto de balelas escritas...») a desordenada prosa que a memória permanentemente escreve sobre a prosa vivida do mundo. Como pode então a própria identidade não pertencer ao género ficcional? Assim sendo, quem é este craque, «o maior da Rua Guerra Junqueiro», senão apenas um fragmentário olhar, feito de melancólicas e não raro deslumbradas palavras (o jargão e o «futebolês») infantis, às vezes já deslocadamente anacrónicos) sobre o desmedido mistério da infância?

Embora escrevendo «eu», é sempre de uma terceira e alheia pessoa que Fernando Assis Pacheco nestas crónicas consigo mesmo fala, «escutando furtivamente a sua própria voz». Talvez tenha sido também por isso que me senti como um intruso lendo este livro tantos anos depois da sua morte. Eliot refere-se ao prazer de ler algo que não nos é dirigido como um dos prazeres da poesia. Pode ser um difícil prazer, esse.

Manuel António Pina

ÍNDICE

Nota do organizador

I. De como fiz a minha iniciação desportiva, hesitando entre a arte de guarda-redes e a de pedróbolo da quinta do Lopes

II. De como o Fausto que morava em frente perdeu por oito a três e não quis comer o pão com marmelada

III. De como fui metido num campeonato de botões e me sagrei campeão contra cinco, entre eles o campeão anterior

IV De como a formação desportiva se aperfeiçoou sobre os carris dos eléctricos, entre a Avenida Sá da Bandeira e a casa do autor

V De como o Leandro tinha uma fisga e eu arranjei uma ainda melhor com materiais improvisados, originando reparos da vizinhança

VI. De como no campeonato dos manos Rochas exibi pela primeira vez o meu chuto à Correia Dias, em homenagem ao avançado-centro do Porto

VII. De como um tio me levou ao Académica-Benfica e eu bati palmas a um golo do Teixeira, sem saber que era gaffe

VIII. De como no Loreto o Peyroteo fez trinta por uma linha e o jogo acabou (pasmai, ó miúdos de hoje!) empatado cinco a cinco

IX. De como vi uns chapéus no ar e não era chuva, era mas é a Rua Lourenço de Almeida Azevedo no fim de um Académica-União

X. De como se constituiu uma selecção para jogar hóquei em patins e tive de alinhar à baliza porque o meu stick era uma trave deste tamanho

XI. De como eu punha um palito na campainha, a campainha tocava, as miúdas vinham e era um jogo sensacional no passeio da frente

XII. De como o Marinho Sacadura foi parar à esquadra, negou ser futebolista e explicou ter estado no passeio casualmente (por causa dum atacante desaparecido)

XIII. De como o futebol também pode ser jogado num bilhar (de matraquilhos) com moedas do D. Carlos dos Bigodes a fazer de dez tostões

XIV De como fomos desafiados pelos Cinco Unidos de Montarroio e aceitámos jogar à noite por causa do nosso bom nome, ganhando à tangente mas deixando várias assinaturas nas canelas alheias

XV De como para desentorpecer as pernas fomos todos ao Choupal caçar rãs e as largámos à entrada do talho do senhor Bernardino, um que não gostava de futebol

XVI. De como a Europa não é só Coimbra e o craque visitava amiúde a malta fixe de flhavo, vila do seu conhecimento onde praticou o «bacalhau-sardinha» por não haver chinha de confiança

XVII. De como surgiu em Coimbra o autêntico Di Stéfano, aliás Bentes, e durante meses ninguém ousou dizer na Rua Guerra Junqueiro «que grande golo, ó pá!»

XVIII. De como Silvano, o «rato dos canos», veio viver para a minha rua e se fez um guarda-redes monumental (de óculos escuros)

XIX. De como me saiu uma bola de cautchu no número da sorte e a ofereci à minha equipa, e outras aventuras de confeitaria

XX. De como os Jogos Olímpicos de Londres foram uma perfeita bodega comparados com os da Rua Guerra Junqueiro e estes consagraram a bonita modalidade do «tiro ao lombo» (de gato)

XXI. De como se faz uma pausa para falar do tempo e pôr à consideração dos leitores se o cronista deve continuar a encher laudas de papel

XXII. De como o «Aldrúbias» comprou um papagaio encerado e convidou a Guerra Junqueiro em peso para assistir ao lançamento, finalmente falhadíssimo por motivos extra-competitivos

XXIII. De como a família Sacadura se irritou com um vidro partido e exigiu a sua integral substituição, resolvida pelo sistema de rifas a dois tostões

XXIV De como Lavoisier mostrou uma pistola a um guarda-redes e este passou o jogo a dar saltos, que lhe custaram vários golos absolutamente defensáveis

XXV De como um leitor corrige a história do Lavoisier com a pistola, ou de como afinal a Primavera tem um gatilho mais comprido do que eu pensava

XXVI. De como o maior basquetebolista português do meu tempo começou a treinar com uma bola de ténis ao pé da cozinha

XXVII. De como o Ramelas se transferiu para o Guerra Junqueiro F.C. e quis pôr tudo a jogar em WM, mas não havia quorum e voltámos ao mesmo de antes

XXVIII. De como o Fausto espalhou que tínhamos sido propostos para as escolas de jogadores da Académica, coisa que só depois (e com outra rapaziada) se tornou realidade – isto chama-se azar!

XXIX. De como os seniores fumavam no regresso do Loreto e o Estoril-Praia vinha dar cinco a um à maneira de quem trinca um papo-seco

XXX. De como passados tantos anos sobre a Rua Guerra Junqueiro apanhei o Zambujal a médio e foi um desastre para o jornal (do comércio)

Posfácio